

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL - UFMS  
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS - ESAN  
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

LUCAS FELIPPE FREITAS FERREIRA

INDUSTRIALIZAÇÃO DESINDUSTRIALIZAÇÃO : UM ESTUDO DE  
CASO DO MUNICÍPIO DE CUBATÃO

Campo Grande - MS

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL - UFMS  
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO E NEGÓCIOS - ESAN  
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

LUCAS FELIPPE FREITAS FERREIRA

INDUSTRIALIZAÇÃO DESINDUSTRIALIZAÇÃO : UM ESTUDO DE  
CASO DO MUNICÍPIO DE CUBATÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas, sob orientação do Professor Dr. Odirlei Fernando Dal Moro.

Campo Grande - MS

2025

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso intitulado INDUSTRIALIZAÇÃO DESINDUSTRIALIZAÇÃO : UM ESTUDO DE CASO DO MUNICÍPIO DO CUBATÃO, apresentado por LUCAS FELIPPE FREITAS FERREIRA como exigência parcial para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II e demais requisitos para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas ao Professor Orientador, dentro do prazo legal e com as formalidades exigidas, sendo considerado \_\_\_\_\_.

Campo Grande-MS, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2025.

---

Prof. Dr. Odirlei Fernando Dal Moro – Presidente  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

---

Prof. Dr. Matheus Wemerson Gomes Pereira - Membro  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

---

Prof. Dr. Wladimir Machado Teixeira-Membro  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por esta oportunidade; sem Ele nada seria possível. Agradeço à UFMS pela chance de cursar Economia em uma das melhores universidades do Brasil.

Agradeço aos meus pais, Adinito Ferreira e Nelma Jesus de Freitas, que são o alicerce da minha vida, por sonharem comigo e estarem ao meu lado nesses longos cinco anos. Não poderia deixar de mencionar minha noiva, Bianca Vieira Barbosa, por todo apoio emocional e afetivo, além de ter aceitado sair de Cubatão e vir comigo para Campo Grande. Você foi e sempre será peça fundamental na minha vida. Neste bloco, também não poderiam faltar meus irmãos Andressa Freitas Ferreira e Carlos Eduardo Freitas dos Santos, vocês são parte essencial da minha história.

Agradeço aos amigos que a UFMS me deu ao longo da trajetória: Iuri Soares, Lucas Teixeira, Felipe Souza, Victor Yahiro, Pedro Zanettoni, Vitor Ataíde, Thiago Segovia e Lucas Cristhóvão. Sem vocês, tudo teria sido bem mais difícil. Obrigado pelo apoio, pelas horas de estudo e pelas boas risadas.

Não posso esquecer de onde vim: sou filho de cursinho popular, então deixo meu agradecimento ao Cursinho Pré-Vestibular Atualmente (CPVAM) e aos professores que se tornaram grandes amigos e sonharam comigo: Sérgio Marques e Fernando Rocha. Obrigado por acreditarem no meu potencial. Também agradeço ao Projeto Belas Mãos de Esperança, pelo apoio financeiro em momentos difíceis, em especial ao Jaime Togores, cuja ajuda foi essencial e veio no momento certo.

Agradeço ainda aos amigos que caminham comigo por toda a vida: Marcio Rogerio, Nathaly França, Larissa Tiso, Lucas Guarda, Lucilane Ferreira e Felipe Tito.

Aos familiares que sonharam comigo: Nivaldo Jesus, Elenice Jesus, Jurandy Oliveira, Ketty Ferreira, Vladimir Cordeiro, Manuela Cordeiro, Valentina Barbosa, Mario Barbosa, Adailton Barbosa e Patrícia Costa. Em especial, agradeço in memoriam a Paulo Pereira de Freitas e Maria Dalva Ferreira.

Ao meu professor orientador, Dr. Odirlei Fernando Dal Moro, obrigado pelo apoio incondicional, mesmo quando eu próprio achava que não merecia. Ao Dr. Matheus Wemerson, que foi um coordenador incrível, deixo meu sincero agradecimento. Agradeço ainda ao professor Dr. Cícero de Oliveira Tredezini por acreditar no meu potencial.

Sem vocês, nada disso seria possível.

E finalizo com as palavras de Emicida:

Aí, maloqueiro, aí maloqueira  
Levanta essa cabeça, enxuga essas lágrimas.  
Respira fundo e volta a correr.  
Você vai sair dessa prisão.  
Você vai atrás desse diploma  
com a fúria da beleza do sol.  
Faz isso por nós.  
Te vejo no pódio.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o processo de industrialização e desindustrialização no Brasil, tomando como estudo de caso o município de Cubatão (SP). O objetivo geral consiste em compreender como os ciclos de expansão e retração industrial ocorreram no país e de que forma esses movimentos macroeconômicos se refletiram na realidade cubatense. Para isso, definem-se como objetivos específicos: 1. apresentar a evolução histórica da industrialização brasileira e paulista; 2. identificar os fatores que impulsionaram o desenvolvimento do polo industrial de Cubatão; 3. examinar as causas do declínio industrial local; e 4. discutir os impactos socioeconômicos decorrentes desse processo. Cubatão, inicialmente um importante polo petroquímico nacional, vivenciou intensa expansão industrial entre as décadas de 1950 e 1980, impulsionada por políticas de substituição de importações, investimentos estatais e atração de multinacionais. A partir dos anos 1990, porém, o município passou por um acelerado processo de esvaziamento industrial, decorrente de fatores como abertura comercial, privatizações, juros elevados, dependência de insumos importados e mudanças nas cadeias globais de valor. Por meio de uma abordagem qualitativa, fundamentada em uma análise documental, o estudo investiga os determinantes macro e microeconômicos desse declínio, evidenciando as transformações produtivas, os impactos socioeconômicos locais e a forma como fenômenos nacionais se materializam no território cubatense. Os resultados apontam significativa perda de dinamismo industrial, redução do emprego e substituição de áreas antes ocupadas por fábricas por atividades portuárias e de serviços, confirmando a tendência de desindustrialização estrutural no município.

**Palavras-chave:** Industrialização; Desindustrialização; Cubatão; Política Industrial; Economia Paulista.

## ABSTRACT

This study aims to analyze the process of industrialization and deindustrialization in Brazil, using the municipality of Cubatão (SP) as a case study. The overall objective is to understand how cycles of industrial expansion and contraction occurred in the country and how these macroeconomic movements were reflected in the reality of Cubatão. To this end, the following specific objectives are defined: 1. to present the historical evolution of industrialization in Brazil and São Paulo; 2. to identify the factors that drove the development of the Cubatão industrial hub; 3. to examine the causes of local industrial decline; and 4. to discuss the socioeconomic impacts resulting from this process. Cubatão, initially an important national petrochemical hub, experienced intense industrial expansion between the 1950s and 1980s, driven by import substitution policies, state investments, and the attraction of multinational companies. From the 1990s onwards, however, the municipality underwent a rapid process of industrial decline, due to factors such as trade liberalization, privatization, high interest rates, dependence on imported inputs, and changes in global value chains. Using a qualitative approach based on documentary analysis, the study investigates the macro- and microeconomic determinants of this decline, highlighting the productive transformations, local socioeconomic impacts, and the way in which national phenomena materialize in the Cubatense territory. The results point to a significant loss of industrial dynamism, reduced employment, and the replacement of areas previously occupied by factories with port and service activities, confirming the trend of structural deindustrialization in the municipality.

**Key-words:** Industrialization; Deindustrialization; Cubatão; Industrial Policy; São Paulo Economy.

## LISTA DE FIGURAS E QUADROS

|                                                                                                             |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 - Mapa Polo Petroquímico do Cubatão.....                                                           | 26 |
| Figura 2 - Dados referente às indústrias do Cubatão.....                                                    | 31 |
| Figura 3 - Figura 3- Treemap da distribuição de empregos por setores da CNAE.....                           | 33 |
| Figura 3 - Figura 4- Treemap da distribuição de empregos por setores da CNAE.....                           | 34 |
| Gráfico 1 - Participação Total da Indústria do PIB (1950-2023).....                                         | 6  |
| Gráfico 2 - Taxa Selic real (% ao ano).....                                                                 | 7  |
| Gráfico 3 - Relação VTI/VBPI da indústria da transformação brasileira e paulista entre 1996 e 2013 (%)..... | 18 |
| Gráfico 4- Empregos nas Indústrias do Cubatão 2013-2016.....                                                | 32 |
| Gráfico 5 - Empregos nas Indústrias do Cubatão 2016-2019.....                                               | 33 |
| Gráfico 6 -Total produzido pelas empresas: comparativo de 4 anos .....                                      | 35 |
| Quadro 1 - A hipótese da tripla pressão sobre a indústria de transformação da RMSP.....                     | 13 |
| Quadro 2 – Indústrias em operação no município de Cubatão no ano de 1980.....                               | 29 |
| Figura 3 - <b>Figura 3- Treemap da distribuição de empregos por setores da CNAE</b>                         |    |

## LISTA DE TABELAS

|                                                                                      |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1 - Estrutura setorial do PIB (%) 1970-2016.....                              | 15 |
| Tabela 2 - Participação do PIB do estado de São Paulo no PIB brasileiro (em %)...... | 16 |
| Tabela 3 - Estrutura setorial do PIB do estado de São Paulo (em %)......             | 16 |
| Tabela 4 - População da Baixada Santista -1980/2000.....                             | 22 |
| Tabela 5 - Crescimento da população da Baixada Santista -1980/200.....               | 22 |
| Tabela 6- Impostos recolhidos 2013-2016.....                                         | 34 |
| Tabela 7 - Impostos recolhidos 2016-2019.....                                        | 34 |

## SUMÁRIO

|                                                                                                                               |           |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1. INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                                     | <b>1</b>  |
| <b>2.A INDUSTRIALIZAÇÃO BRASILEIRA: TRAJETÓRIA E TRANSFORMAÇÕES..</b>                                                         | <b>5</b>  |
| <b>2.1 A industrialização no Estado de São Paulo: Processo do desenvolvimento industrial a partir do cultivo de café.....</b> | <b>8</b>  |
| <b>2.2 A evolução industrial paulista.....</b>                                                                                | <b>10</b> |
| <b>2.3 Influência das indústrias internacionais no parque industrial de São Paulo e no mercado consumidor do Brasil.....</b>  | <b>12</b> |
| <b>2.4 Desindustrialização no estado de são paulo e suas consequências.....</b>                                               | <b>12</b> |
| <b>3. CUBATÃO: DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA AO POLO INDUSTRIAL.....</b>                                                               | <b>21</b> |
| <b>3.1 A segunda fase industrial de Cubatão.....</b>                                                                          | <b>24</b> |
| <b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>                                                                                         | <b>28</b> |
| <b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                                           | <b>37</b> |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>                                                                                                      | <b>39</b> |

## 1. INTRODUÇÃO

O processo de industrialização, iniciado na Grã-Bretanha, promoveu profundas mudanças econômicas e sociais por onde se expandiu. No Brasil, não foi diferente: seguindo os moldes de outras nações, a implantação do parque industrial redefiniu a organização do espaço urbano e as dinâmicas de trabalho, atraindo pessoas para viverem em torno das fábricas e alterando radicalmente seu modo de vida (Oliveira, 2004).

A industrialização representa um dos mais profundos processos de transformação da sociedade moderna, caracterizando a transição de uma economia agrária para uma baseada na produção mecanizada em larga escala. Esse fenômeno, que se originou com a Revolução Industrial na Inglaterra do século XVIII, disseminou-se globalmente, reconfigurando relações de trabalho, estruturas urbanas e padrões de consumo em diferentes nações (Hobsbawm, 2010). Embora cada país tenha vivenciado esse processo de forma singular, em termos temporais e estruturais, a industrialização trouxe consigo avanços na tecnologia, na reorganização espacial e mudanças socioeconômicas profundas que marcaram definitivamente os séculos XIX e XX (Landes, 1994).

No entanto, o ápice da atividade industrial nem sempre se sustenta indefinidamente, dando lugar a um novo fenômeno estrutural. O processo de desindustrialização, entendido como a redução relativa da participação da indústria de transformação no Produto Interno Bruto (PIB) e no emprego, não constitui, a priori, um fenômeno de conotação negativa. Como aponta Tregenna (2016), trata-se frequentemente de um reflexo intrínseco ao amadurecimento das economias nacionais. Esta perspectiva é aprofundada pela tipologia de Maia (2020), que distingue entre uma desindustrialização positiva, associada ao desenvolvimento econômico, e uma desindustrialização precoce. A fundamentação teórica para a vertente positiva encontra ressonância na clássica hipótese de mudança estrutural de Kuznets (1973), conforme discutido por Krüger (2008) e Silva (2021). Segundo este arcabouço, o desenvolvimento ocorre em dois estágios sequenciais: inicialmente, há uma transição da base produtiva do setor primário para o secundário (industrialização), seguida por um redirecionamento rumo ao setor terciário (desindustrialização), caracterizando esta última fase como um desdobramento natural e esperado em economias maduras.

Contudo, a experiência brasileira apresenta uma ruptura com essa trajetória teórica idealizada. O processo de desindustrialização na economia brasileira, observado desde a década de 1980, configura-se como um fenômeno distinto da trajetória natural das economias

avançadas. Enquanto a hipótese de mudança estrutural de Kuznets (1973) aponta para uma transição setorial rumo aos serviços como estágio maduro do desenvolvimento, o caso brasileiro assemelha-se ao conceito de desindustrialização precoce proposto por Maia (2020). Este diagnóstico é reforçado por Tregenna (2016), que alerta que a perda de participação industrial em economias de renda média e baixa, como a brasileira – cuja renda per capita é inferior à dos países centrais quando estes passaram pelo mesmo processo –, tende a ser negativa. Diferentemente de uma transição natural, o fenômeno no Brasil ocorre de maneira antecipada, comprometendo o potencial de crescimento de longo prazo e o desenvolvimento econômico, dada a importância estratégica do setor manufatureiro para o dinamismo tecnológico e a geração de externalidades positivas na economia.

Este trabalho adotará um recorte específico sobre a industrialização brasileira, concentrando-se em duas perspectivas teóricas fundamentais. A primeira, baseada na teoria dos choques adversos, atribui o impulso industrializante a crises externas que dificultavam as importações, forçando uma resposta interna. Uma vertente dessa abordagem destaca a Crise de 1930 como um momento decisivo, conforme analisado por Furtado e Tavares, que a vinculam ao colapso do setor cafeeiro (Suzigan, 1986).

Em contraponto, a interpretação do capitalismo tardio revisita a doutrina cepalina e enfatiza fatores internos como preponderantes. Esta visão compreende o processo como financiado pela acumulação de capital do setor agrícola. Os lucros gerados pelas exportações de café, por exemplo, foram direcionados para investimentos em infraestrutura, como ferrovias, os quais, por sua vez, criaram bases indiretas para o desenvolvimento industrial. A Grande Depressão quebrou esse ciclo, levando à adoção de políticas fiscais expansionistas e à dificuldade cambial, que conjuntamente impulsionaram a substituição de importações. Cabe ressaltar, porém, que a indústria nacional manteve certa dependência do desempenho exportador para seu crescimento. (Suzigan 1986)

Por fim, é importante salientar a industrialização promovida intencionalmente pelo Estado via proteção tarifária e subsídios. Embora este não seja o foco de análise, tal dimensão é um pilar central nas principais óticas de estudo sobre o tema. No conjunto, essas interpretações, sejam as que enfatizam choques externos ou dinâmicas internas, orientam a compreensão da história econômica brasileira, na qual o país se enquadra em modelos como o do capitalismo tardio, caracterizado pela incapacidade inicial de atender à demanda interna com produção doméstica. (Suzigan, 1986)

Para ilustrar essa trajetória macroeconômica em escala local, a cidade do Cubatão apresenta-se como um caso emblemático. Sua história sintetiza de maneira singular os ciclos de industrialização e desindustrialização do Brasil. O município vivenciou um intenso e acelerado processo de desenvolvimento industrial, alinhado aos projetos nacionais, mas também compartilha dos desafios contemporâneos de perda de competitividade e do fim de sua "era de ouro" fabril.

Dessa forma, a análise do Cubatão permite um recorte paralelo e minucioso, no qual a experiência de um pequeno município reflete, em escala reduzida, os rumos e as transformações de toda uma nação. Nesse contexto, abre-se espaço para o seguinte problema de pesquisa: como se deu o processo de industrialização e desindustrialização de Cubatão, dado, *pari passu*, o consoante processo no Brasil?

Diante desse contexto, torna-se fundamental explicitar os objetivos que orientam este estudo. Primeiro, tem-se como o objetivo geral do trabalho: analisar o processo de industrialização e desindustrialização no Brasil e como essas dinâmicas se manifestaram especificamente no município de Cubatão, um dos mais relevantes polos industriais do país ao longo do século XX.

Em seguida, o estudo se desdobra em objetivos específicos: i) examinar a trajetória histórica da industrialização brasileira e paulista; ii) compreender os elementos econômicos e políticos que contribuíram para o processo de desindustrialização nacional; iii) identificar os fatores que possibilitaram a consolidação do parque industrial de Cubatão; e iv) descrever os desdobramentos da fenômenos da desindustrialização sobre o município de Cubatão. Esses objetivos orientarão o plano de pesquisa por trás do presente trabalho.

A relevância desta pesquisa decorre justamente da importância que a indústria teve, e ainda tem, na formação econômica do país e na organização territorial de regiões como a Baixada Santista. Cubatão, pela intensidade e velocidade com que experimentou tanto o crescimento quanto o declínio industrial, apresenta-se como um caso emblemático para refletir sobre os desafios do desenvolvimento produtivo brasileiro. Além disso, compreender os fatores que levaram ao enfraquecimento do setor industrial no município contribui para o debate mais amplo sobre políticas industriais e regionais, especialmente em um cenário de crescente concorrência internacional e transformações tecnológicas aceleradas.

A pesquisa adota uma abordagem documental, exploratória e descritiva (Gil, 2002), fundamentando-se em fontes secundárias, como artigos científicos, livros, relatórios técnicos, documentos oficiais, bases estatísticas e registros históricos. Esse conjunto de materiais

possibilitou reunir evidências sobre os processos de industrialização e desindustrialização no Brasil, no estado de São Paulo e, especificamente, no município de Cubatão.

A análise documental permitiu recuperar elementos históricos produzidos em diferentes períodos, contribuindo para compreender a trajetória do desenvolvimento industrial brasileiro e as transformações que afetaram o polo petroquímico de Cubatão. Para isso, foram consultados dados do IBGE, relatórios sobre o polo industrial, documentos governamentais relacionados às políticas de industrialização e privatização, além de estudos especializados em economia regional. O caráter exploratório buscou ampliar a compreensão dos fatores que impulsionaram o crescimento e o declínio do parque industrial cubatense, enquanto a abordagem descritiva organizou a evolução histórica, os impactos socioeconômicos e os desdobramentos recentes do esvaziamento industrial. A análise, de natureza qualitativa, dialogou com autores clássicos e contemporâneos e articulou duas dimensões: uma macroestrutural, voltada ao processo nacional de industrialização e desindustrialização, e outra microterritorial, focada na dinâmica local de Cubatão.

Por fim, para organizar a discussão, o trabalho está estruturado da seguinte forma: o capítulo seguinte apresenta a evolução da industrialização brasileira e paulista, situando Cubatão nesse processo; na sequência, discute-se a formação do polo industrial do município e seus períodos de expansão; posteriormente, são analisados os elementos que caracterizam a desindustrialização e seus efeitos na realidade local; e, por fim, o trabalho se encerra com as considerações finais, que sintetizam os principais resultados e apontam reflexões para estudos futuros.

## **2. A INDUSTRIALIZAÇÃO BRASILEIRA: TRAJETÓRIA E TRANSFORMAÇÕES**

No Brasil, o processo de industrialização iniciou com Getúlio Vargas em meados dos anos 1930 e foi intensificado com Juscelino Kubitschek por um processo massivo de política de substituição e aumento de consumo. Suzigan (2012) evidenciou a importância da indústria ao longo dos anos, trazendo em seu estudo uma vertente da produção agrícola para demonstrar a importância de cada setor no Produto Interno Bruto (PIB). Entre os anos de 1929 e 1980, a contribuição da indústria dobrou no Brasil, passando de 4,3% para 8,7%, enquanto o setor agropecuário passou de 3,7% para 3,8%; esses dados evidenciaram uma mudança pragmática da política industrial brasileira, dando uma importância maior para a renda brasileira (Suzigan, 2012).

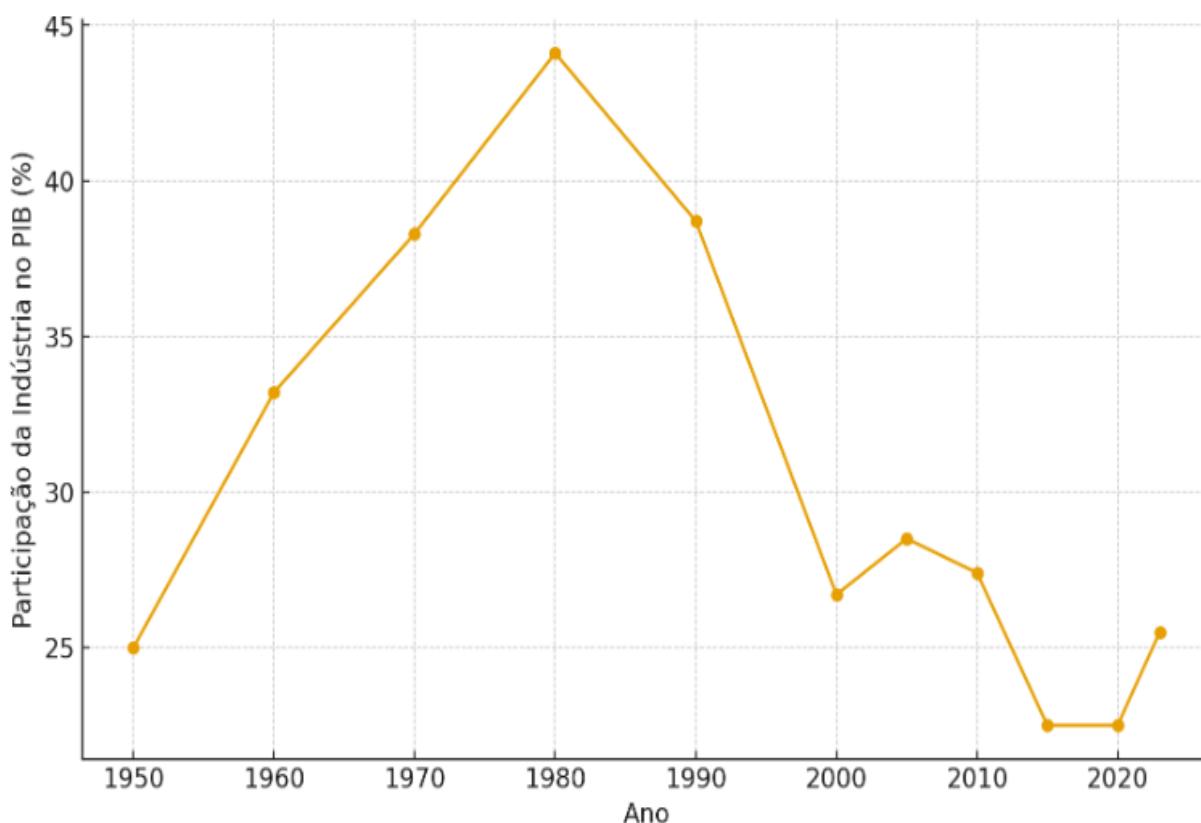
Em contrapartida, existe um processo de desindustrialização, que é a perda de capacidade da indústria em participação, seja ela no PIB ou emprego (Rowthorn e Ramaswamy, 1997 Apud Batista, Grandi 2023). Entre os motivos para a desindustrialização brasileira é a abertura comercial, que instaurou uma grande variedade de produtos estrangeiros competindo com os nacionais de forma desleal. Consoantes a isso, segundo Cano (2012), as taxas de juros são uma forma de estrangular a economia nacional, pois retira a capacidade de investimento do empresário, que sente dificuldade em competir com um câmbio sobrevalorizado e com uma taxa de juros real altíssima que acompanhou a economia brasileira ao longo das últimas décadas, gerando um desestímulo ao investimento e competitividade.

O Brasil viveu um período marcado por fortes incentivos estatais ao desenvolvimento, e a industrialização pode ser compreendida nesse contexto, especialmente em países subdesenvolvidos, como o próprio Brasil. Esse movimento colocou o país em uma trajetória industrial relevante, caracterizada pela capacidade da indústria de contribuir para o crescimento econômico. Para Hawthorn e Ramaswamy (1999), o conceito de desindustrialização refere-se justamente ao processo pelo qual a indústria passa a perder sua capacidade de gerar renda, emprego e desenvolvimento. Segundo Oreiro e Feijó (2010), na América Latina esse enfraquecimento industrial tem início na década de 1990, como demonstra o gráfico a seguir.

O Gráfico 1 apresenta a evolução da participação da indústria no PIB brasileiro entre 1950 e 2023. Observa-se um crescimento expressivo até meados da década de 1980, período

marcado pela consolidação do processo de industrialização nacional. Após esse pico, há uma tendência persistente de queda, refletindo o processo de desindustrialização, intensificado pela abertura comercial, câmbio apreciado e políticas macroeconômicas restritivas. O comportamento da série confirma a perda progressiva do peso relativo da indústria na economia brasileira.

**Gráfico 1 - Participação Total da Indústria no PIB (1950-2023)**



Fonte: Elaborado pelo autor, com base em dados do IBGE (2025)

No caso brasileiro, a partir do governo Fernando Collor, o país adotou medidas cambiais e tarifárias com o objetivo de conter a elevada inflação que atingia a economia. Contudo, tais medidas se tornaram um dos principais fatores que impulsionaram o processo de desindustrialização. Durante a década de 1990, o regime cambial adotado prejudicou a indústria nacional, que passou a competir diretamente com empresas estrangeiras que possuíam vantagens comparativas significativas. Isso resultou na perda de competitividade, no aumento do déficit comercial do setor industrial (Oreiro; Feijo, 2010) e no aprofundamento dos efeitos da chamada “doença holandesa”(Bresser-Pereira,2010), inserindo o Brasil no paradigma da desindustrialização. Além das questões cambiais, Wilson Cano (2012) chama

atenção para outro problema estrutural que impacta a indústria brasileira: a elevada taxa de juros.

O Gráfico 2 mostra a trajetória da taxa Selic real ao longo do tempo. Em suma, o Brasil opera historicamente com juros reais muito elevados, de tal modo que supera a média dos seus pares internacionais. Esse patamar impacta negativamente o setor produtivo, tornando o investimento industrial menos atrativo e contribuindo para a financeirização da economia.

**Gráfico 2 - Taxa Selic real (% ao ano)**



Fonte: BRAGA, (2023)

O Brasil historicamente apresenta uma das maiores taxas de juros reais do mundo, o que contribui para a financeirização da economia. Sob a ótica pós keynesiana, esse fenômeno é um obstáculo ao investimento produtivo, já que taxas elevadas tornam mais atrativo investir no mercado financeiro do que no setor industrial. Atualmente, por exemplo, a taxa de juros real gira em torno de 10% ao ano, representando um grande desafio para a indústria nacional. Uma indústria que não investe tende a envelhecer, tornar-se parcialmente obsoleta, não

expande sua capacidade e enfrenta dificuldades para incorporar o progresso técnico em suas rotinas produtivas (Cano, 2012).

## **2.1 A industrialização no Estado de São Paulo: processo do desenvolvimento industrial a partir do cultivo de café**

Segundo Willian Braga Vila Nova (2016), para entender o processo de industrialização no Estado de São Paulo é essencial observar a dinâmica de transformação da estruturação social inserida na agricultura cafeeira, que culminou na evolução do processo industrial no estado, onde o mesmo passou a deter a maioria das organizações industriais do país.

Vila Nova (2016) afirma existir uma discussão sobre os componentes que influenciaram no desenvolvimento industrial paulista. Ele cita um estudo desenvolvido por Mamigonian (1976), que analisa o pensamento dos autores Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso e Warren Dean sobre o assunto. Furtado alega que o desenvolvimento do processo industrial no Estado de São Paulo nasceu da necessidade de suprir um mercado que sofria com o declínio das exportações, que levaram à diminuição da compra de produtos importados, ocasionando a evolução no processamento industrial no lugar das importações. Fernando Henrique Cardoso defendia que, com a modificação da mão de obra no cultivo de café, onde a atividade deixou de ser realizada por escravos e passou a ser efetuada por trabalhadores livres (imigrantes), os produtores rurais se transformaram em empresários do ramo industrial. Já Warren Dean defendia que os donos de propriedades rurais sobreviviam à sua atividade devido às oscilações e mudanças no mercado e, com isso, precisavam se adaptar, passando assim a investir no processamento de seu produto.

Outro autor que compartilhava do mesmo pensamento que os autores anteriormente citados era Wilson Cano (2007). O autor afirma que havia uma dependência entre o processo industrial paulista e o desenvolvimento econômico derivado do plantio de café, onde a produtividade oscilava entre expansão e retração dependendo do período, permitindo assim que os investimentos fossem direcionados para outros segmentos, como bancos, estradas, indústrias, usinas etc. Com os apontamentos realizados por Mamigonian (1976), demonstrou que a percepção dos três autores sobre o tema coincide com o entendimento de Cano, que, para esses autores, o desenvolvimento industrial do Estado de São Paulo ocorreu naturalmente no meio do sistema econômico cafeeiro, onde os lucros oriundos do cultivo eram direcionados para investimentos na área industrial (Vila Nova, 2016).

De acordo com Mamigonian (1976), a industrialização no estado brasileiro só passou a ser expressiva com a mudança da mão de obra nas fazendas, pois a mão de obra escrava que existia não tinha voz e nem condições de decidir sobre as compras de produtos industrializados ou qualquer outro fator de suas vidas. Com a chegada dos imigrantes, esse cenário foi alterado, já que os mesmos tinham direito a um salário e o poder de decidir como ele seria gasto. Assim, consumiam os produtos industrializados.

R. Soares Jr conta que Jorge Tibiriçá, fazendeiro de café tradicional, conseguiu superar a crise do café de 1896-1901 produzindo e vendendo laticínios para seus próprios colonos (1958, p. 373). As indústrias de São Paulo tiveram inicialmente que enfrentar a concorrência do Rio de Janeiro, o grande centro importador e industrial brasileiro do início do século XX, no próprio mercado paulista (A. BANDEIRA JR. 1901, p. XII). Mamigonian (1976) afirma que, devido à maioria dos empreendedores, a mão de obra qualificada e a amplitude e solidez do mercado favoreciam o Estado diante de seu principal concorrente, o Rio de Janeiro. Os imigrantes que chegaram ao Brasil moldaram a indústria e o comércio como conhecemos hoje em dia, desde a estrutura de trabalho como a fachada dos estabelecimentos.

A Primeira Guerra Mundial trouxe impactos à economia, devido à queda das exportações de café. Em contrapartida, as exportações de carne, arroz, feijão, entre outros, aumentaram. Produtos esses cultivados pelos imigrantes, que iam enriquecendo, enquanto os cafeicultores viam suas riquezas diminuírem (Mamigonian, 1976). De acordo com Mamigonian (1976), com o enriquecimento dos colonos, estes passaram a investir seus rendimentos nas compras de terras no interior paulista, causando vários efeitos, como o reforço ao mercado consumidor da indústria, a modernização na agricultura com a utilização de maquinário, novas técnicas de cultivo e novas variedades de plantas, produzindo cada vez mais para o abastecimento do mercado urbano da metrópole São Paulo. Assim, foram se formando as auréolas agrárias constituídas pela área açucareira (italianos/brasileiros), cinturão hortigranjeiro (nipo-brasileiros), a bacia leiteira (mineiros), etc.

Com esse movimento, o mercado paulista saiu na frente diante de outros estados brasileiros. Isso foi possível devido ao investimento nos transportes ferroviários e rodoviários, permitindo o escoamento da produção, que vinha crescendo em termos de qualidade e quantidade. Como por exemplo, França que, além das botinas utilizadas no cultivo, passou a produzir calçados de padrão médio e esportivos, e a indústria têxtil também se desenvolveu com a produção de produtos aprimorados.

## 2.2 A evolução industrial paulista

Segundo Vila Nova (2016), a indústria paulista deve um desenvolvimento qualitativo em seu parque industrial em meados do século XX, entre 1905 e 1907. Cano (2006) afirma que a produção paulista subiu de 15,9% para 31,5% nos anos de 1905 a 1919 em relação à produção brasileira. Esse crescimento foi possível devido a fatores concebidos pela sociedade cafeeira, como as ferrovias implantadas no estado, que permitiam o escoamento da produção (Cano, 2006).

Com a implantação da indústria no estado durante o período da Primeira Guerra Mundial, a conquista pelo mercado nacional se expandiu, permitindo que houvesse um desdobramento com a aplicação dos capitais gerados pela indústria têxtil na produção de outros segmentos industriais, como cimento, siderurgia etc. Assim, a indústria paulista passou a diversificar seus investimentos em outras regiões do país (Mamigonian, 1976).

Com o desenvolvimento da indústria, surgiu a necessidade da realização de manutenção e consertos do maquinário importado. Assim, foi natural o surgimento de pequenas oficinas locais que, conforme Bardella (1911), Villares (1918), Dedini (1920), Romi (1929), efetuavam a realização desses serviços, que estimularam, em primeiro momento, a fabricação de peças simples e depois os conjuntos completos. Com o tempo, essas oficinas se transformaram em indústrias. Esse processo se desenrolou entre as décadas de 20 e 30, devido à dificuldade de realizar a importação das peças devido ao curso da Segunda Guerra Mundial (Mamigonian, 1976).

De acordo com Mamigonian (1976, p. 95):

Bardella, pequena oficina de 35 metros quadrados em 1911, fábrica atualmente pontes rolantes, equipamentos para usinas hidrelétricas (turbinas, comportas), para fábricas de papel; e celulose, para siderurgia (laminadores), etc. Villares começou consertando, elevadores e aos poucos passou a fabricá-los (Atlas, 55% do mercado nacional), acrescentando produção de aços especiais, motores diesel, escavadeiras, guindastes, pontes rolantes etc. Romi era inicialmente oficina de automóveis em Santa Bárbara d'Oeste, passando a fabricar máquinas e implementos agrícolas, abandonando-os depois em favor da produção de tornos mecânicos, sendo neste setor um dos maiores fabricantes mundiais. Dedini consertava usinas de açúcar na área de Piracicaba e tornou-se fabricante de usinas completas (70% do mercado nacional), além de produzir equipamentos para indústria petroquímica e para papel e papelão, aço para construção (primeiro lingotamento contínuo no Brasil, 1968), transformadores, tijolos refratários etc.

Segundo Mamigonian (1976), o movimento industrial de São Paulo até 1955 foi controlado pelos empresários paulistas de origem imigrante. Nesse período, as indústrias manifestaram mudanças nas características do processo industrial devido à presença de

indústrias estatais e estrangeiras. Nesse período, as indústrias estrangeiras eram minoria, pois essas corporações preferiam investir seu capital em setores de serviço (serviços de eletricidade e telefônicos, estradas de ferro etc.), mas com o crescimento das indústrias nacionais, incentivaram a entrada das corporações industriais estrangeiras no país. Um exemplo claro é a fábrica de pneus Brasil, que se localizava no Rio de Janeiro; no final da década de 30, atraiu três das principais fabricantes mundiais do segmento, que escolheram o estado paulista para realizar suas atividades. Ao fim da Segunda Guerra, o mercado consumidor nacional se atraente para organizações estrangeiras.

Devido a condições de infraestruturas básicas como ferrovias, rodovias, eletricidade, e a um mercado consumidor expressivo e indústria fornecedora que estavam prontas para atender as demandas existentes. Com isso, montadoras estrangeiras tinham à disposição fábricas de autopeças, que surgiram para serem utilizadas nos veículos importados e que passaram a atender às montadoras para utilizar na produção dos carros (Mamigonian, 1976).

De acordo com Vila Nova (2016), as transformações sofridas proporcionaram que o parque industrial de São Paulo se tornasse realidade. Com um mercado consumidor em expansão, contribuiu para que a expansão urbano-industrial se concretizar; devido ao aumento da necessidade de mão de obra, houve a migração dos trabalhadores da lavoura para a área industrial. Com o crescimento desse parque industrial e aumento do mercado consumidor no início do século XX, transpassou as barreiras do estado e buscou outras regiões do Brasil.

No Brasil, tomando o caso extremo da metrópole paulistana, deve-se notar que, além de registrar 756 mil pessoas ocupadas na indústria em 1965, controlava em 1962 outros 133 mil assalariados em filiais localizadas fora do aglomerado, os quais estavam em maioria (99.600) no próprio estado de São Paulo e zona de influência regional (sul de Minas Gerais, Centro-Oeste e norte do Paraná), em particular nas cidades-satélites do complexo industrial (Campinas, Sorocaba, São José dos Campos, etc.), mas se estendiam também no restante do Sudeste (16.340, dos quais 48% na Guanabara), Sul (11.260), Nordeste (5.890) e Amazônia (200), conforme apontou Corrêa (1968, p. 59).

### **2.3 Influência das indústrias internacionais no parque industrial de São Paulo e no mercado consumidor do Brasil**

Mamigonian (1976) diz que com a implantação das indústrias internacionais em São Paulo acarretaram mudanças significativas, como:

- As indústrias estrangeiras passaram a operar em toda América Latina;
- Facilidade na política de exportação;
- Apoio a política da ALALC;
- Incentivos fiscais;
- As fábricas estrangeiras localizadas em território brasileiro passaram a exportar para suas matrizes;
- A concorrência entre as indústrias nacionais e internacionais;
- Desnacionalização de vários setores, como automobilístico, farmacêuticos;
- Absorção de empresas paulistas por organizações internacionais.

Essa absorção por parte das corporações estrangeiras foi possível devido ao conjunto de fatores: à má gestão ligada ao processo de aristocratização, o comodismo por parte da burguesia industrial nacional, a força do capital estrangeiro aplicado, à recessão de 1965-66 conectada diretamente com a política de combate à inflação e de concentração econômica estimulada a partir de 1964 (Mamigonian, 1976).

Segundo Mamigonian (1976), outra mudança estimulada pela indústria internacional foi a apropriação do estilo de vida americano pelos brasileiros, que já possuía uma característica consumista forte, mas que foi amplificada com a implantação das indústrias automobilística, de eletrodomésticos, do turismo, etc., e acelerada pela concentração de renda e pela difusão do crédito ao consumidor em 1964 etc.

## **2.4 Desindustrialização no Estado de São Paulo e suas consequências**

Alexandre Abdal et al Felipe Madio no artigo O processo de esvaziamento industrial da metrópole paulista publicado no Caderno Metropolitano, São Paulo em 2025, apresentam a hipótese de que a desindustrialização na RMSP (Região Metropolitana de São Paulo) está vinculada a tripla pressão. Essas pressões estão denominadas da seguinte forma: desindustrialização em escala nacional; formação da Macrometrópole Paulista em escala regional; assédio do mercado imobiliário para a reconversão de uso em áreas industriais em escala local

O processo-resultado de esvaziamento industrial da RMSP é condicionado por uma tripla pressão, cada uma das três estando associada a uma escala diferente e a um conjunto causal igualmente diferente. A primeira pressão é vertical (de cima para baixo), está situada em escala nacional, pois consiste na desindustrialização do País, e deriva do novo padrão de inserção da economia brasileira na internacional a partir dos anos 1980-1990. A segunda pressão é horizontal, está situada em escala regional, pois consiste no movimento de formação da MMP e deriva das

características do processo de desconcentração da produção industrial a partir dos anos 1970. A terceira pressão é também vertical, como a primeira, mas de baixo para cima e situada na escala local, pois consiste na reconversão do uso em áreas tradicionalmente industriais para novos usos não industriais. Ela deriva do processo de expansão imobiliária na capital paulista e em alguns municípios do seu entorno metropolitano ( Abdal, Madio, 2025).

O Quadro 1 a seguir simplifica a trílice pressão, de maneira comparativa, como fatores nacionais, regionais e locais operam simultaneamente na formação do fenômeno da desindustrialização.

**Quadro 1 - A hipótese da tripla pressão sobre a indústria de transformação da RMSP**

| TIPO DE PRESSÃO                       | ESCALA   | EXPRESSÃO                                         | CONDICIONANTES                         | TEMPORALIDADE |
|---------------------------------------|----------|---------------------------------------------------|----------------------------------------|---------------|
| Pressão1: vertical<br>(cima p/baixo)  | Nacional | Desindustrialização                               | Inserção internacional subordinada     | 1980-1990     |
| Pressão 2: horizontal                 | Regional | Macrometrópole Paulista                           | Desconcentração da produção industrial | 1970          |
| Pressão 3 vertical<br>(baixo p//cima) | Local    | Reconversão do uso industrial para não industrial | Expansão imobiliária                   | 1990-2000     |

Fonte: ABDAL, MADIO, (2025)

A primeira pressão indicada por Abdal e Madio (2025) é a desindustrialização Nacional, onde os mesmos apontam que durante o século XX, o Brasil formou uma matriz industrial parcialmente completa, integral e integrada, capacidade produtiva nos principais setores pertinentes à segunda revolução industrial e de incorporação de alguns processos técnicos. Segundo Nogueira (1998), esse desenvolvimento começou durante a Era Vargas em 1930 e é finalizada na segunda metade de 1970 no II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), conforme confirma Castro (1985). Autores como Abdal (2015); Evans (1982); Furtado (2000) entre outros, apontam que durante esse processo houveram pontos negativos que não acompanhavam o momento de desenvolvimento que o país estava inserido, como: o aumento da pobreza e da desigualdade social, mercado consumidor limitado, falta de uma democracia representativa, a dificuldade de acompanhar o desenvolvimento tecnológico mundial com ênfase na tecnologia da informação e na dificuldade em superar o subdesenvolvimento e as relações de dependência.

As principais características da revolução industrial brasileira foram:

- políticas macroeconômica e industrial convergentes e expressas em forte intervencionismo estatal, inclusive tendo o Estado como produtor direto e compartilhando os riscos com o setor privado via banco de investimentos;
- economia fechada e protegida, consubstanciada no modelo de substituição de importações e com ênfase no mercado interno; e
- política regional orientada para a redução das disparidades regionais apenas a partir dos anos 1960.

Com esgotamento do ciclo nacional-desenvolvimentista, expresso pela crise do Estado desenvolvimentista na década de oitenta, põe-se o fim da trajetória de desenvolvimento estrutural da economia brasileira, que implicou numa quase estagnação a qual perdura por mais de 50 anos, conforme afirma Bresser-Pereira (2010) e Sallum Jr (1996).

Devido à competição externa e à medidas macroeconômicas muito restritivas, como a taxa de juros de câmbio sobrevalorizadas, a indústria foi impactada negativamente. Com isso, a participação da indústria no PIB (Produto Interno Bruto) vem decaindo entre o período de 1970 a 2010, onde a indústria representava 35,8% em 1970 caiu para 28,1% em 2010 e a queda do PIB da Indústria de transformação foi de 27% para 16,2% no mesmo período. (Macedo, 2010).

A Tabela 1 apresenta a composição setorial do PIB ao longo de quatro décadas. Nota-se queda significativa da participação da indústria de transformação, que passa de 27% em 1970 para 16,2% em 2010. O setor de serviços aumenta sua participação, enquanto a agropecuária mantém variação moderada. Esses dados demonstram mudanças estruturais profundas na economia brasileira e confirmam a tendência de deslocamento da atividade produtiva para o setor de serviços.

**Tabela 1. Estrutura setorial do PIB (%) 1970-2010**

| <b>ANO</b>       | <b>1970</b> | <b>1980</b> | <b>1989</b> | <b>2000</b> | <b>2010</b> |
|------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| PIB Agrícola     | 11.5        | 10.1        | 9.1         | 5.6         | 5.3         |
| PIB Industrial   | 35.8        | 40.9        | 40.6        | 27.7        | 28.1        |
| PIB Ind. Extr.   | 2.9         | 2.2         | 1.1         | 1.6         | 3           |
| PIB Ind. Transf. | 27          | 31.3        | 30.8        | 17.2        | 16.2        |
| PIB Serviços     | 52.6        | 49          | 50.3        | 66.7        | 66.6        |

Fonte: CANO, (2008)

Segundo Sarti & Laplane (2006), diante da política econômica e a abertura econômica nos anos 90, a indústria brasileira resistiu à pressão tomando medidas que impactam não só a produção como o mercado de trabalho, através da especialização e o racionamento da produção. Além dessas medidas para a indústria brasileira para compensar as altas taxas de câmbio de juros e se manter competitiva, o setor teve que:

- investir na atualização de seus produtos;
- Substituir os insumos nacionais por importados;
- Modernizar os equipamentos; e
- Estabelecer parcerias com empresas internacionais para firmar acordos de complementação de linhas de produtos importados e de prestação de serviços no mercado doméstico.

Barros e Goldenstein (1997) afirmam que o caráter modernizador dos investimentos realizados após o Plano Real, proporcionaram resultados positivos para o setor, entretanto Carneiro (2002), acredita que os investimentos industriais concentrados na atualização tecnológicas sem aumento da capacidade produtiva e a utilização de componentes importados de máquinas e equipamentos afetaram de forma negativa o aumento na taxa de investimento.

De acordo com Cano (1998) o considerável processo de transformação econômica brasileiro no século XX, as indústrias emergentes, desde o início concentraram suas instalações no estado São Paulo oriunda de uma base industrial pequena e restrita a produção de bens de consumo não-duráveis e do lucro gerados pelo cultivo de café. O poder econômico e industrial concentrado em São Paulo durou mais de seis décadas, atingindo seu ápice no final da década 60, correspondendo a 58,1% da produção da indústria de transformação nacional e 39,5% do PIB, representado na tabela a seguir (Macedo, 2010; Cano, 2006; Pacheco, 1998).

A Tabela 2 compara a participação do estado de São Paulo no PIB nacional entre 1970 e 2012. Observa-se redução do peso econômico paulista ao longo do período, especialmente após a década de 1980, quando se intensifica a desconcentração industrial para outras regiões do país. A diminuição expressiva do setor industrial paulista evidencia o impacto da crise industrial e do processo de desindustrialização regional.

**Tabela 2. Participação do PIB do estado de São Paulo no PIB brasileiro (em %)**

| <b>ANO</b>   | <b>1970</b> | <b>1980</b> | <b>1989</b> | <b>2000</b> | <b>2010</b> | <b>2012</b> |
|--------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Total        | 39,5        | 37,7        | 39,7        | 31,7        | 32,1        | 31          |
| Agropecuária | 18          | 14,2        | 14,4        | 8,6         | 11,3        | 11          |
| Indústria    | 56,4        | 47,3        | 44,7        | 39,9        | 33,3        | 29,8        |
| Ind. Transf. | 58,1        | 53,4        | 49,9        | 45,1        | 42          | 40,8        |
| Serviços     | 35          | 34,8        | 36,1        | 35,3        | 33,3        | 33          |

Fonte: CANO, (2008)

A Tabela 3 mostra a distribuição setorial da economia paulista. Destaca-se a forte redução da participação da indústria de transformação, que diminuiu de 39,9% em 1970 para 17% em 2012. Em sentido inverso, o setor de serviços cresce de forma consistente. Os dados confirmam a reestruturação produtiva do estado e reforçam o diagnóstico de desindustrialização, sobretudo nos setores de maior complexidade tecnológica.

**Tabela 3. Estrutura setorial do PIB do estado de São Paulo (em %)**

| <b>ANO</b>   | <b>1970</b> | <b>1980</b> | <b>1989</b> | <b>1995</b> | <b>2000</b> | <b>2005</b> | <b>2010</b> | <b>2012</b> |
|--------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Agropecuária | 5,7         | 3,9         | 3,5         | 1,6         | 1,4         | 1,8         | 1,9         | 1,9         |
| Indústria    | 43,8        | 51,2        | 48,3        | 33,5        | 31,5        | 31,7        | 29,1        | 25          |
| Ind. Transf. | 39,9        | 44,3        | 40,9        | 24,8        | 22,1        | 24          | 21,2        | 17          |
| Serviços     | 50,4        | 44,9        | 48,2        | 64,9        | 67,1        | 66,5        | 69,1        | 73,1        |

Fonte: CANO, (2008)

Apesar do aumento significativo da concentração industrial no estado, principalmente na capital, não impactou de forma negativa a industrialização das outras regiões brasileiras e cresceram simultaneamente em um nível um pouco abaixo do estado paulista, permitindo o desenvolvimento de áreas e cadeias produtivas conectadas por relações definidas entre setores econômicos distintos (Macedo, 2010; Cano, 2008; Pacheco, 1998).

Conforme citado por Mattos (2015) após o seu ápice em 1970 o estado passa a sofrer a desconcentração industrial e econômico que perdura até os dias de hoje. A estagnação industrial sofrida no período após 1980, que dava fim ao sonho desenvolvimentista e se iniciava a “desconcentração espúria” denominada por Cano (2008). O crescimento do país foi muito deficitário, chegando a ser negativo em alguns ramos e segmentos da indústria e no estado de São Paulo não foi diferente. Os setores mais afetados com essa crise industrial foram os de bens de capital e duráveis de consumo. Por possuir o principal parque industrial

do Brasil e deter grande parte dos setores de maior complexidade, o estado foi o mais afetado segundo Funari (2009).

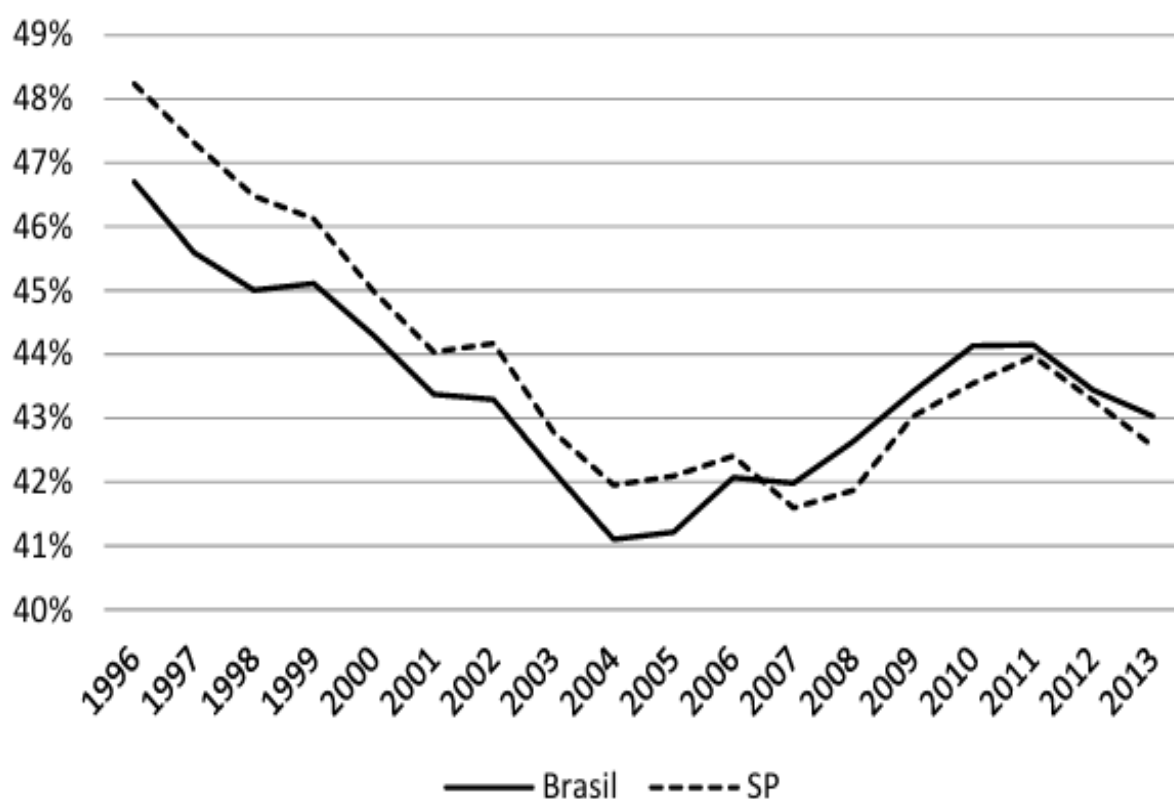
Cano (2014) e Sampaio (2015) apontam que, o encerramento de complexos industriais em países desenvolvidos têm um comportamento diferente se esse encerramento ocorre em países subdesenvolvidos, pois, as matrizes que são responsáveis pelas atividades mais complexas e que detêm o controle das inovações tecnológicas permanecem em seu local de origem, enquanto os países do terceiro mundo focam na execução das atividades e acabam impactando, devido a não deter uma estruturação produtiva heterogênea, pouco investimento em inovação tecnológica. Com a perda do poderio industrial, a diversificação restrita de sua área industrial, impactam de forma expressiva a economia e a capacidade de gerar e de se apropriar dos excedentes.

Como apresentado, a desindustrialização paulista segue o parâmetro nacional como a diminuição do valor agregado da produção devido a troca da utilização de insumos nacionais por importados, que afetaram a redução dos valores adicionados no âmbito interno (Mattos, 2015).

Mattos (2015) cita que, a participação do Estado de São Paulo do VTI (Valor da Transformação Industrial) sobre o VBPI (Valor Bruto da Produção Industrial) vem apresentando uma queda significativa desde 1996.

O Gráfico 3 mostra que a queda do VTI/VBPI do estado de São Paulo foi superior à do país (48,2% em 1996 para 42,6% em 2013,) em todos os segmentos. De acordo com Purchio (2023) em reportagem publicada no jornal Gazeta do Povo, a indústria paulista caiu 20%. Segundo essa reportagem foi realizado um levantamento sobre as indústrias brasileiras pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nos últimos 10 anos. Foi demonstrado que a industrialização no estado de São Paulo diminuiu 19% acima da média nacional que foi de 14,6%, sendo assim, o quarto brasileiro que mais se desindustrializou. Ficando atrás apenas do Espírito Santo com um declínio de 35%, seguido por Bahia 30,3% e Ceará com 23,9%.

**Gráfico 3 - Relação VTI/VBPI da indústria da transformação brasileira e paulista entre 1996 e 2013 (%).**



Fonte: IBGE, (2013)

Segundo Rocha (2023), economista chefe da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), devido a São Paulo ser o responsável por aproximadamente um terço da produção brasileira, por isso os impactos sofridos pelo país, se refletem rapidamente no estado paulista.

A área industrial do estado paulista, em meio a cadeia produtiva gera um aumento na taxa de emprego e no valor agregado dos produtos comercializados, influenciando o desenvolvimento do país (Purchio, 2023). Rocha (2023) afirma que inúmeras causas levaram o Brasil a sofrer uma “desindustrialização precoce” que se refere a redução da indústria na economia antes que a mesma consiga atingir o seu total potencial.

“É muito difícil um país se tornar rico se sofre esse processo de desindustrialização precoce, porque ocorre outro processo, que é a armadilha da renda média, fica travado nisso.

Isso é um pouco do que está acontecendo com a economia brasileira” (Rocha, 2023). O jornal Gazeta do Povo ouviu alguns especialistas na área, que definiram seis causas para a desindustrialização ocorrida no estado e em todo o país:

- Complexidade tributária:

Purchio (2023) aponta que os especialistas acreditam que as principais travas para o crescimento industrial é a complexa cobrança de impostos que ocorre no Brasil e que se faz necessária a reforma tributária para que haja uma desburocratização.

Claudio Roberto Frischtak presidente do InterB e ex-economista para indústria do Banco Mundial diz:

Quando falamos em desindustrialização, uma boa parte está relacionada a componentes fora das fábricas e à dificuldade de se operar no país. A mais óbvia delas é o viés do regime tributário, a reforma vai ser muito importante para gerar um choque exógeno na produtividade da economia e reduzir o viés anti-indústria do nosso sistema de cobrança de impostos (Frischtak, 2023).

- Incentivos governamentais:

De acordo com Paulo Roberto Feldmann (2023), consultor e professor de Economia da USP, o Estado brasileiro necessita de uma política industrial que determine os setores que terão prioridade para receber os incentivos fornecidos pelo governo. “Não temos uma política industrial desde o governo militar, porque depois disso acreditou-se que o mercado resolve tudo, mas ele resolveu a favor das empresas estrangeiras e destruiu as nacionais”(Feldmann, 2023).

- Investimento em infraestrutura:

Outro fator apontado que afeta o avanço da indústria é a falta de investimento na infraestrutura como saneamento básico, energia elétrica e transporte, esse último é importante para o desenvolvimento da circulação de insumos, componentes e de produtos acabados de forma eficiente e eficaz dentro do país.

Uma das questões mais sérias da indústria é o transporte, o Brasil não tem transporte ferroviário. Podem dizer que São Paulo tem, mas os outros estados não. Somos muito dependentes de caminhão, sendo que nenhum país do mundo ainda é assim, nem a Argentina. Nós usamos porque não temos ferrovias (Feldmann, 2023).

Ainda segundo Feldmann (2023) a energia elétrica de baixa qualidade também é um ponto importante, pois ele cita que no estado paulista as empresas chegam a ficar de 15 a 16 horas por ano sem energia, enquanto no Japão esse número é de apenas um minuto.

- Baixa qualidade de mão de obra e formação profissional:

Outro ponto que afeta o ambiente industrial é a formação acadêmica dos candidatos que pretendem se inserir nesse mercado. O país sofre com uma baixíssima qualificação dentro

do território nacional principalmente nas escolas públicas onde os investimentos com educação são pífios (Purchio, 2023).

Um exemplo claro dessa falta de investimento é o estado de São Paulo que possui índices acima da média brasileira é que em 2019 os estudantes que concluíram o Ensino Médio com conhecimento adequado em Língua Portuguesa foi de 43,4% enquanto em Matemática foi apenas de 11,7% (Purchio, 2023).

- Investimento em pesquisa e inovação e parcerias com universidades;

Purchio (2023) aponta que o investimento destinado para pesquisa e inovação ainda não é o mais adequado no Brasil. De acordo com o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) em relatório publicado em 2019, o investimento brasileiro nessa área foi de cerca de R\$89,5 bilhões, que corresponde a 1,21% do PIB nacional, enquanto a Alemanha e os Estados Unidos disponibilizaram 3% do seu PIB.

Um entrave que impede o investimento em pesquisa e inovação encontra-se na dificuldade de se realizar parcerias das entidades com as universidades. O estado paulista possui as melhores universidades privadas e públicas. Um exemplo apontado por Feldmann (2023) é a USP que por se tratar de uma entidade pública é proibida de receber incentivos do setor privado. Essa negativa se trata de que as empresas que disponibilizam seu capital exigem a divulgação de sua contribuição e isso vai contra a política da maioria das reitorias.

- Atração de investimentos e juros altos:

De acordo com Purchio (2023) para o controle da inflação é necessário que a taxa de juros seja alta, mas, para o mercado empresarial, tal política afasta os investidores que preferem alocar seus recursos em aplicações mais seguras como o Tesouro Direto ou CDI. Não à toa, conforme Rocha (2023):

A indústria de transformação é muito sensível aos juros. Ela não tem crédito subsidiado como letras de crédito, CRIs e CRAs ou debêntures incentivadas. Quando ocorre um aperto monetário muito forte, e o Brasil está na liderança do mundo, a indústria sofre mais porque não tem nenhuma ferramenta para amenizar esse aperto monetário.

### **3. CUBATÃO: DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA AO POLO INDUSTRIAL**

A cidade do Cubatão destaca-se como um dos principais exemplos brasileiros de industrialização acelerada, exercendo papel relevante tanto para o estado de São Paulo quanto para o país. Localizada a 14 km do Porto de Santos e a 42 km da capital paulista, sua importância remonta ao século XIX, quando servia como rota de passagem de produtos entre São Paulo e Santos. Nesse período, sua economia iniciou-se com pedágios marítimos cobrados de tropeiros que transitavam pela região. Com o passar dos anos, Cubatão tornou-se uma grande produtora agrícola, sobretudo de bananas, o que lhe rendeu o apelido de “Paraíso das bananeiras”. Essa produção conferiu ao município influência significativa nas exportações nacionais (Couto, 2012).

Segundo Couto (2012), em 1940 as bananas representavam 13,33% das exportações brasileiras. Apesar desse forte perfil agrícola, Cubatão já possuía, nesse período, instalações industriais importantes, como a usina Henry Borden, produtora de energia elétrica, a Costa Muniz Química e a Santista de Papel. Essas indústrias foram fundamentais para o início de um processo de industrialização que se intensificou a partir de 1949, com a instalação da Refinaria Presidente Bernardes, com capacidade para 45 mil barris por dia. Sua construção impulsionou definitivamente a transformação da antiga cidade agrícola em um dos principais polos petroquímicos do país, atraindo empresas como Petrobras, Carbocloro, COSIPA e CBE. Ao longo do século XX, Cubatão consolidou-se como centro industrial estratégico, ao mesmo tempo em que enfrentou graves problemas ambientais decorrentes desse crescimento acelerado, fato que lhe rendeu o apelido de “vale da morte”(Couto,2012).

A trajetória de Cubatão reflete, de forma emblemática, os processos de industrialização e de posterior desindustrialização vividos pelo Brasil. A cidade funciona como um microcosmo da experiência nacional: viveu um período de forte expansão industrial, seguido pela perda de competitividade observada em todo o país nas décadas seguintes.

A instalação da Refinaria Presidente Bernardes (RPBC) foi decisiva para o desenvolvimento do parque industrial local, atraindo investimentos como o da Companhia Siderúrgica Paulista (COSIPA), uma das maiores siderúrgicas do Brasil. Formou-se, então, um robusto polo petroquímico, complementado pela chegada da Companhia Brasileira de Estireno e da COPEBRAS. Nas décadas seguintes, Cubatão consolidou-se como o maior polo petroquímico do país, reunindo, segundo o IBGE, dezoito grandes indústrias. Esse crescimento atraiu número significativo de trabalhadores de diversas regiões, impulsionados pelos empregos com remuneração superior à média nacional.

A Tabela 4 mostra o crescimento populacional dos municípios da Baixada Santista. Cubatão apresenta expansão expressiva, especialmente entre 1980 e 1991, acompanhando a fase de expansão industrial do município. Os dados reforçam a relação direta entre crescimento econômico local e atração de mão de obra, característica típica de polos industriais consolidados.

**Tabela 4. População da Baixada Santista -1980/2000**

| <b>Municípios</b> | <b>1980</b> | <b>1991</b> | <b>1996</b> | <b>2000</b> |
|-------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Cubatão           | 78.631      | 91.136      | 97.257      | 107.904     |
| Santos            | 416.677     | 428.923     | 412.243     | 417.777     |
| São Vicente       | 193.008     | 268.618     | 279.528     | 302.678     |
| Guarujá           | 151.120     | 210.207     | 226.365     | 265.155     |
| Praia Grande      | 66.004      | 123.492     | 150.388     | 191.811     |

Fonte: COUTO, (2012)

A Tabela 5 reforça essa tendência, demonstrando taxas de expansão demográfica superiores às do próprio estado após 1996 . Grande parte dessa população recém-chegada encontrou emprego no então maior polo industrial da América Latina, o que explica o intenso fluxo migratório registrado ao longo das décadas.

**Tabela 5. Crescimento da população da Baixada Santista -1980/2000**

| <b>Municípios</b>        | <b>1980/1991</b> | <b>1991/1996</b> | <b>1996/2000</b> | <b>1991/2000</b> |
|--------------------------|------------------|------------------|------------------|------------------|
| Cubatão                  | 15,9             | 6,7              | 10,9             | 18,4             |
| Santos                   | 2,9              | -3,9             | 1,3              | -2,6             |
| São Vicente              | 39,2             | 4,1              | 89,3             | 12,7             |
| Guarujá                  | 39,1             | 7,7              | 17,1             | 26,1             |
| Praia Grande             | 87,1             | 21,8             | 27,5             | 55,3             |
| <b>Est .de São Paulo</b> | <b>26,1</b>      | <b>8</b>         | <b>8,5</b>       | <b>17,2</b>      |

Fonte: COUTO, (2012)

O início da industrialização cubatense, entretanto, tem raízes mais antigas, relacionadas à economia colonial, como os engenhos de açúcar, os curtumes e a extração de tanino do manguezal. Em 1912, a Companhia Curtidora Max destacou-se no setor, sendo posteriormente adquirida pela Costa Muniz, empresa voltada à produção de acessórios de couro e que, mesmo exportando, declarou falência em 1981 (Ferreira; Torres; Borges, 2008).

Na região onde hoje se encontra o Parque Anilinas, existiu, desde 1915, uma fábrica de corantes e produtos químicos. Inicialmente chamada Fábrica de Anilinas e Produtos Químicos do Brasil, passou mais tarde a denominar-se Companhia de Anilinas, Produtos Químicos e Material Técnico, com falência decretada em 1965 (Filho; Edístio, 1983). Seus produtos incluíam tanino, bicarbonato de sódio, enxofre, amônia, anilinas para lã, sabão em pó, formol e solventes, além da manutenção de plantações de limões, laranjas e bananeiras. A empresa destacava-se também pela produção de xarope de limão distribuído gratuitamente à população e pela inovação na concessão de bonificação anual semelhante ao atual décimo terceiro salário (Filho; Edístio, 1983).

A Companhia Santista de Papel foi outra importante indústria pioneira, dedicada à produção de diversos tipos de papel com maquinário europeu. A distância de 14 km entre a fábrica e a usina hidrelétrica levou à construção de uma ferrovia para o transporte de celulose importada (Ferreira; Torres; Borges, 2008). Para suprir a demanda de mão de obra, foi construída uma vila operária que, em seu auge, contava com cerca de 200 moradias, abrigando aproximadamente 75% dos trabalhadores. Durante a Segunda Guerra Mundial, a empresa enfrentou dificuldades devido à escassez de combustível, o que a levou ao desmatamento de áreas próximas para alimentar suas caldeiras, provocando risco de desabamentos na encosta (Ferreira; Torres; Borges, 2008). Para contornar o problema, tentou-se plantar pinheiros para produção de celulose, mas o projeto fracassou. Contudo, o reflorestamento involuntário deixou cerca de um milhão de pinheiros ainda existentes na região. Na década de 1960, a empresa foi vendida ao grupo Ripasa S/A, produzindo 55 toneladas de matéria-prima e empregando cerca de 500 trabalhadores. Em 2004, foi adquirida pela MD Papéis (Ferreira; Torres; Borges, 2008).

A Usina Henry Borden, construída junto à represa Billings pela Companhia Light, teve papel crucial no abastecimento energético do polo industrial e da própria cidade. Projetada com estruturas reforçadas, a represa possuía vazão de 157 m<sup>3</sup>/s e sua maior parte foi instalada no interior da serra, protegida por rochas, devido ao contexto de possíveis ataques durante os períodos de guerra (Ferreira; Torres; Borges, 2008). A operação da usina utilizava apenas um quarto de sua capacidade total, respeitando normas ambientais e preservando a fauna e a flora da Mata Atlântica, com captação restrita ao rio Pinheiros para evitar enchentes.

A baixa do rio, em determinado período, permitiu a entrada de água do mar na região, causando danos às usinas municipais devido à salinização dos equipamentos. Isso levou à construção de diques no rio Perequê, sob gestão da Empresa Metropolitana de Águas e

Energia (EMAE), responsável até hoje pelo gerenciamento hídrico local (Ferreira; Torres; Borges, 2008).

### **3.1 A segunda fase industrial do Cubatão**

A segunda fase industrial tem início com políticas nacionais voltadas ao desenvolvimento econômico. Durante a década de 1930, o presidente Getúlio Vargas impulsionou a industrialização com a criação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) em Volta Redonda. Mais tarde, o governo Dutra lançou o Plano SALTE, visando investir em saúde, alimentação, transportes e energia com vistas à expansão da infraestrutura nacional. Nesse contexto, Cubatão recebeu indústrias de grande porte devido à sua posição geográfica estratégica, à proximidade com o Porto de Santos, ao acesso facilitado a estradas e ao seu sistema hídrico amplo e de baixo custo, com apoio da Superintendência da Moeda e do Crédito (SUMOC) durante o governo de João Café Filho (Ferreira; Torres; Borges, 2008).

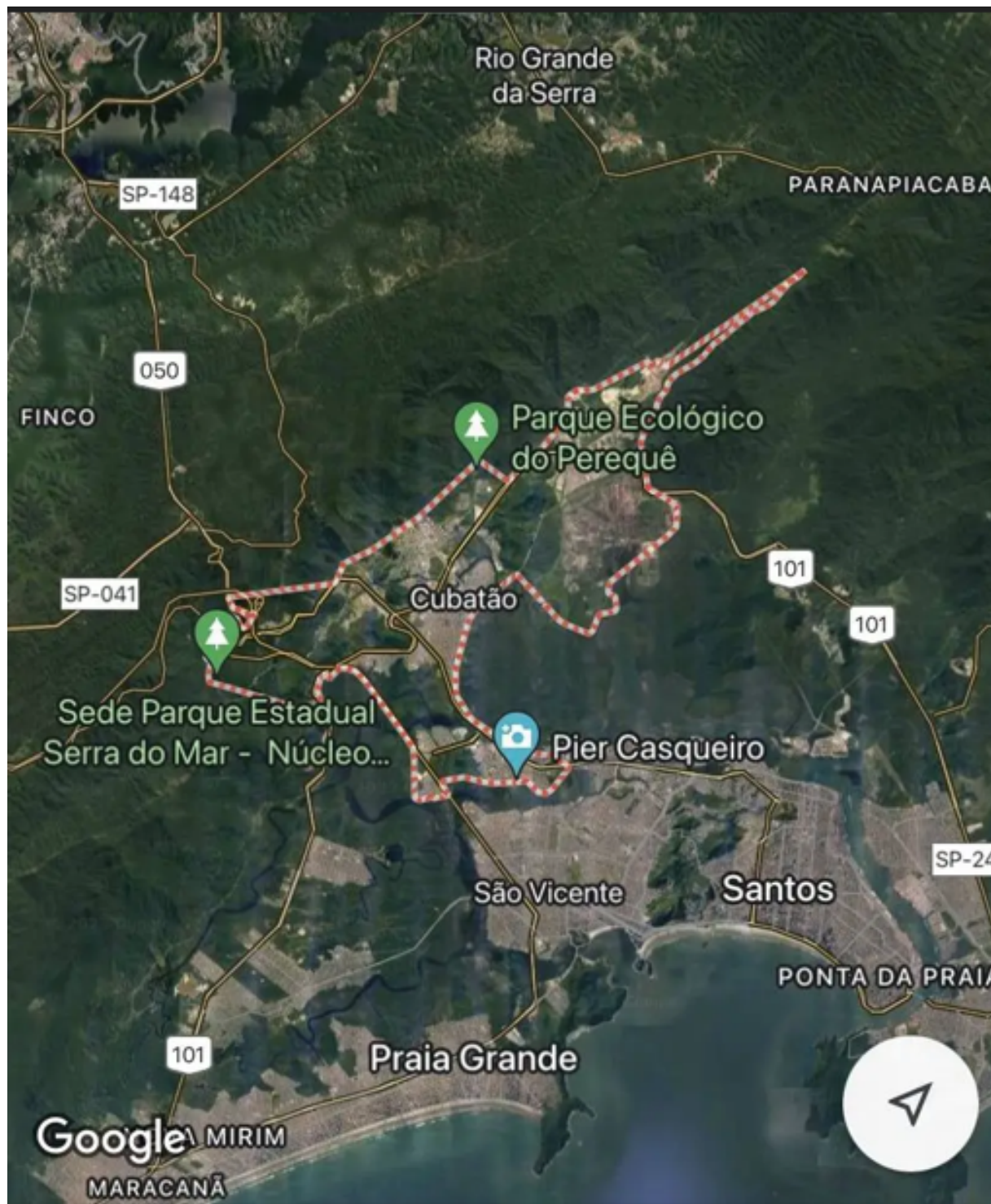
Na década de 1950, a Petrobras inaugurou sua primeira unidade industrial do país, em 1955, tornando-se referência nacional e atraindo outras empresas. Em 1956, foi instalada a Alba S/A Indústrias Químicas, primeira empresa química transnacional da cidade, seguida pela Companhia Brasileira de Estireno (1957), que produzia brinquedos, telefones e televisores a partir de derivados do petróleo. Em 1958, houve expansão significativa com a criação da Fábrica de Fertilizantes de Cubatão (Fafer), posteriormente chamada Fosfértil, e privatizada em 1993. No mesmo ano, iniciou suas operações a Copebrás, pioneira na fabricação de negro de fumo, insumo para tintas, pneus e artigos de borracha. Ainda em 1958, a União Carbide inaugurou a primeira fábrica de polietileno da América Latina, posteriormente adquirida pela Dow Química.

Entre as empresas de maior relevância nacional destaca-se a COSIPA, inaugurada em 23 de novembro de 1963, responsável por gerar inúmeros empregos e impulsionar o comércio local. Privatizada em 1993, foi incorporada pela Usiminas, que ampliou sua capacidade produtiva em 2005. Durante a década de 1970, novas indústrias chegaram ao polo petroquímico, como a Solorrco S/A no setor de fertilizantes e a Engebasa — especializada em revestimentos e montagens metálicas. O Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (CIESP) instalou sua diretoria regional em Cubatão em 1972, oferecendo suporte às indústrias locais e das cidades vizinhas.

Na década de 1980, o ritmo de novas instalações diminuiu, com destaque para a implantação da Aga S/A, produtora de argônio, oxigênio e nitrogênio. Já nos anos 1990, encerrou-se a segunda fase industrial com a instalação, em 1997, de uma fábrica de fertilizantes na antiga Vila Parisi, posteriormente integrada às Indústrias de Fertilizantes de Cubatão. Até 2008, Cubatão abrigava vinte e cinco empresas de grande porte, consolidando-se como um dos maiores polos petroquímicos do Brasil e da América Latina (Ferreira; Torres; Borges, 2008).

Para compreender a dimensão espacial e territorial do polo petroquímico instalado em Cubatão, é importante observar sua configuração geográfica dentro do município. A Figura 1, a seguir, apresenta o mapa do polo industrial, permitindo visualizar a distribuição das plantas produtivas e sua relação com a malha urbana e com a Baixada Santista.

Figura 1 - Mapa Polo Petroquímico do Cubatão



Fonte: GALA, (2023)

O Parque Industrial de Cubatão ocupa grande parte do território municipal, evidenciando sua relevância para a economia local e para toda a Baixada Santista, especialmente pelo impacto direto na geração de empregos das cidades próximas, como Santos, São Vicente, Praia Grande e Guarujá. A intenção aqui é apresentar a dimensão territorial do polo industrial e sua importância regional, destacando que a perda de produtividade coloca esse parque em situação de vulnerabilidade. Esse cenário é reforçado pela proposta do governo paulista de instalar em Cubatão um pátio de caminhões a serviço do Porto de Santos, o que reduziria o papel estratégico do município ao de mero apoio logístico, aumentando o fluxo interno de veículos e ocupando uma área cujo aproveitamento traria poucos benefícios econômicos e sociais para a cidade.

Diante desse percurso, observa-se que a consolidação do polo industrial de Cubatão ao longo do século XX não apenas redefiniu a dinâmica econômica do município, mas também estruturou sua integração regional e sua relevância produtiva no estado de São Paulo. Entretanto, o mesmo conjunto de fatores que impulsionou sua expansão, como a dependência de grandes complexos industriais e a concentração setorial, tornou-se, décadas depois, um elemento de vulnerabilidade diante das transformações econômicas nacionais e globais.

#### **4. CUBATÃO: DO POLO INDUSTRIAL A DESINDUSTRIALIZAÇÃO**

A cidade do Cubatão sofre, atualmente, com grandes perdas industriais. Muitas das empresas que compunham o polo petroquímico já não fazem mais parte da estrutura produtiva local ou reduziram significativamente suas operações. Neste trabalho, daremos prioridade à análise das grandes indústrias que hoje se encontram desativadas, vazias ou que deram lugar a serviços comerciais e portuários, alterando profundamente a dinâmica econômica da cidade.

Com o objetivo de contextualizar a estrutura produtiva de Cubatão no período de maior expansão industrial, apresenta-se a seguir o Quadro 2, com as indústrias que estavam em operação no município em 1980. Essa sistematização permite comparar a composição do parque industrial da época com a situação atual marcada pelo declínio produtivo.

**Quadro 2 – Indústrias em operação no município de Cubatão no ano de 1980.**

| <b>Ano do início das operações</b> | <b>Indústrias</b>              | <b>Origem do capital</b> |
|------------------------------------|--------------------------------|--------------------------|
| 1912                               | Costa Moniz                    | Privado Nacional         |
| 1922                               | Cia. Santista de Papel         | Privado Nacional         |
| 1926                               | Usina Henry Borden             | Estrangeiro              |
| 1955                               | Refinaria Presidente Bernardes | Estatual Federal         |
| 1957                               | Cia. Brasileira de Estireno    | Estrangeiro              |
| 1957                               | Alba                           | Estrangeiro              |
| 1958                               | Union Carbide do Brasil        | Estrangeiro              |
| 1958                               | Copebrás                       | Estrangeiro              |
| 1963                               | Cosipa                         | Estatual Federal         |
| 1964                               | Carbocloro                     | Estrangeiro              |
| 1966                               | Cloroqil/Rhodia                | Estrangeiro              |
| 1968                               | Cimento Santa Rita             | Estrangeiro              |
| 1970                               | Liquid Carbonic                | Estrangeiro              |
| 1970                               | Ultrafértil                    | Estatual Federal         |
| 1971                               | Engelcor                       | Privado Nacional         |
| 1972                               | Fertilizantes União            | Privado Nacional         |
| 1972                               | Liquid Química                 | Estrangeiro              |
| 1973                               | Engebasa                       | Privado Nacional         |
| 1974                               | Hidromar                       | Privado Nacional         |
| 1975                               | Petrocoque                     | Estatual Federal         |
| 1976                               | IAP                            | Privado Nacional         |
| 1977                               | Gespa                          | Privado Nacional         |
| 1977                               | Manah                          | Privado Nacional         |
| 1977                               | Adubos Trevo                   | Privado Nacional         |

Fonte: COUTO, (2012)

A pioneira empresa Costa Moniz já não existe em Cubatão, enquanto a Companhia Anilinas encerrou suas atividades em 1964. A Usina Henry Borden, que já foi considerada a maior do país, também perdeu seu destaque produtivo. Após o Consenso de Washington, Cubatão enfrentou grandes perdas, pois teve início um amplo processo de privatização impulsionado pelo Plano Nacional de Desestatização (Brasil, 1990). Esse processo marca o

primeiro recorte deste estudo, especialmente com o caso da antiga Cosipa, hoje incorporada pela Usiminas.

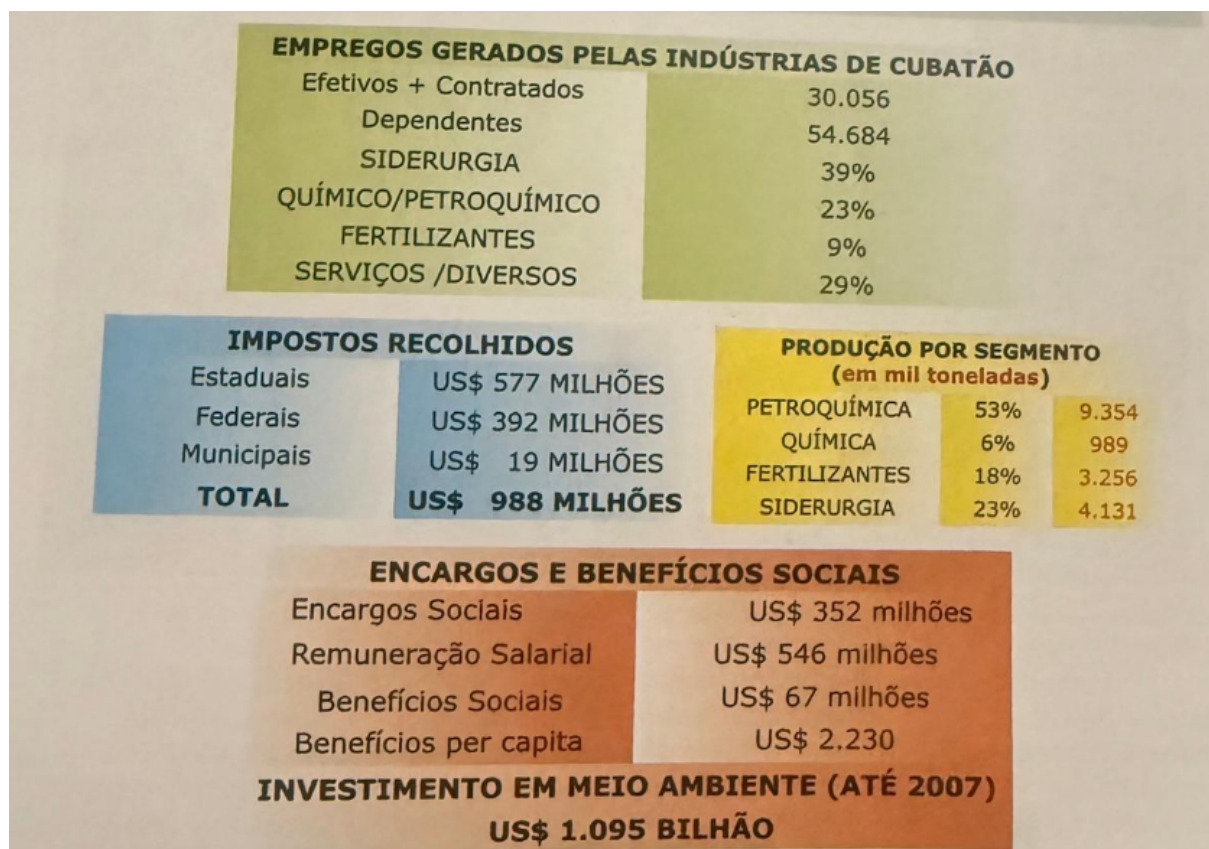
A Cosipa desempenhou um papel fundamental na empregabilidade local, figurando entre as melhores siderúrgicas do país (Couto, 2012). Entretanto, em 2015, a empresa desligou os altos-fornos de produção de ferro-gusa, alegando baixa demanda interna e dificuldades de competição no mercado externo. A medida resultou em cortes expressivos e redução abrupta da produção, afetando diretamente os empregos e a economia cubatense. Nos últimos 25 anos, a Usiminas realizou sucessivos cortes, impactando o desenvolvimento econômico tanto de forma direta quanto indireta.

Segundo dados da Folha de S. Paulo, após sua venda em agosto de 1993, a Cosipa possuía 13.077 empregados em 1992, número que caiu para 8.360 no primeiro semestre de 1997, uma redução de 42% em apenas cinco anos. Os cortes realizados em 2015 afetaram também outras grandes indústrias instaladas em Cubatão, como a Votorantim Cimentos, que encerrou suas atividades em decorrência da paralisação da produção de ferro da Usiminas, visto que a escória do aço é o principal subproduto utilizado na fabricação do cimento.

Outra empresa afetada pela competição externa foi a Engbasa Mecânica, atualmente em recuperação judicial e com suas instalações desativadas, dando lugar a um pátio de caminhões. A Unigel, que controla a antiga Companhia Brasileira de Estireno, também entrou em recuperação judicial, enquanto a Yara Fertilizantes suspendeu parte de suas operações no município. Esses casos evidenciam a perda contínua da capacidade produtiva de Cubatão.

A Figura 2 sintetiza informações sobre número de empresas, faturamento, tipo de atividade e capacidade produtiva do polo petroquímico. Os dados revelam a expressividade do parque industrial cubatense no período analisado e demonstram sua relevância para a geração de emprego e renda. A partir dessa base, é possível observar o contraste com a situação atual de declínio.

**Figura 2- Dados referente às indústrias do Cubatão**



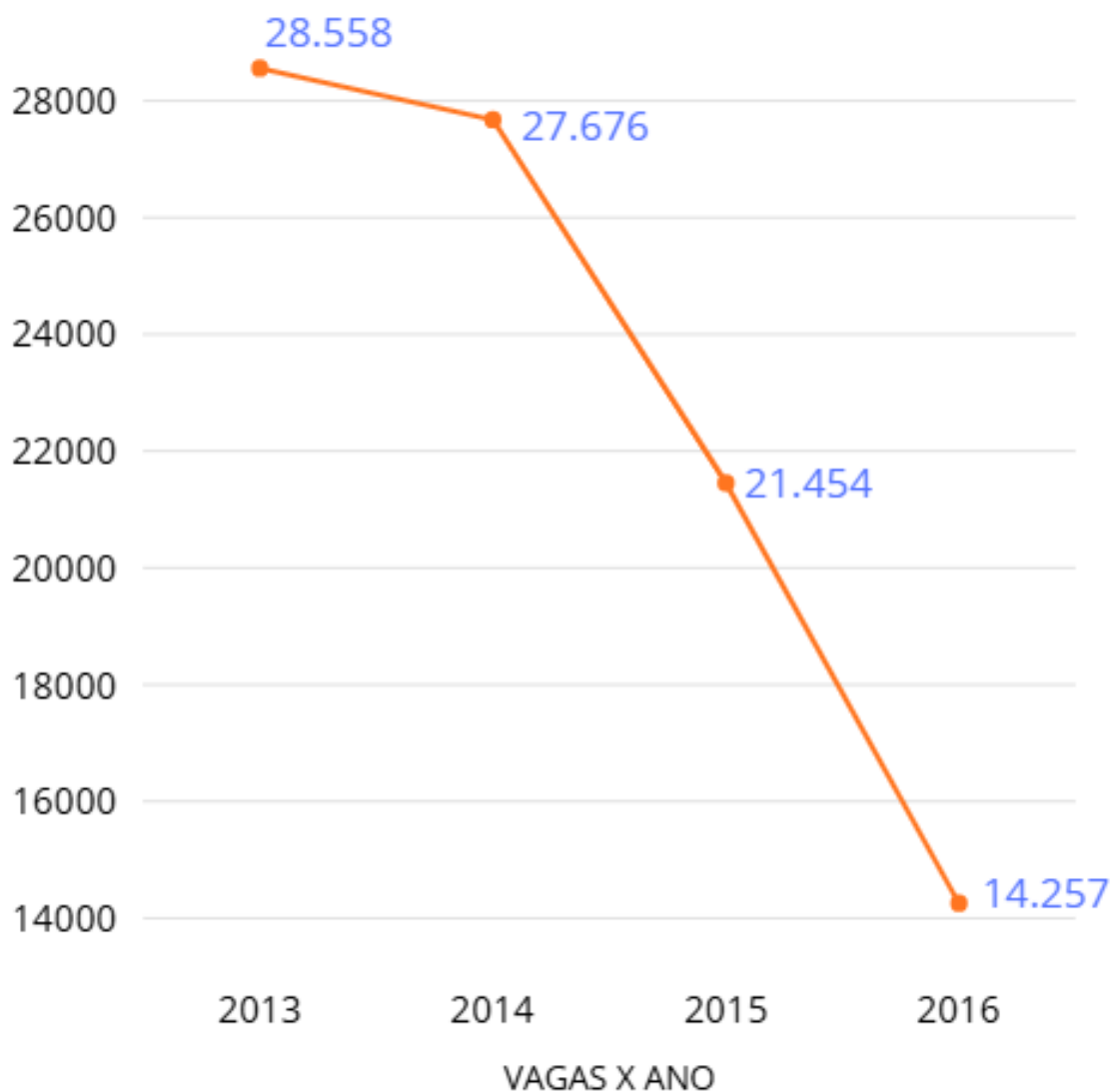
Fonte: (Polo Industrial de Cubatão – Relatório Anual 2007, *apud* FERREIRA, TORRES, BORGES, 2007 p31)

Os dados apresentados revelam a importância da indústria para a cidade, tanto na geração de emprego quanto de renda. O fechamento e a paralisação de setores produtivos indicam que Cubatão tende a sofrer quedas econômicas significativas. Entre os fatores relacionados à desindustrialização estão a taxa de juros, o câmbio e a ausência de investimentos, elementos que impactam diretamente a capacidade de inovação e modernização das empresas. A seguir, apresentamos dados que comprovam a queda acentuada da participação industrial na renda municipal, refletindo-se nos empregos e na arrecadação tributária.

O Gráfico 4 apresenta a evolução do número de empregos no setor industrial de Cubatão entre 2013 e 2016. Observa-se uma tendência acentuada de queda ao longo do período, marcada por sucessivas reduções no quadro de trabalhadores. Esse movimento está associado à crise econômica nacional, ao fechamento de unidades produtivas e aos processos

de reestruturação e privatização que afetaram diretamente o polo industrial. A trajetória descendente ilustra o início da fase mais intensa da desindustrialização no município.

**Gráfico 4 - Empregos nas Indústrias de Cubatão: efetivos + contratados 2013-2016**



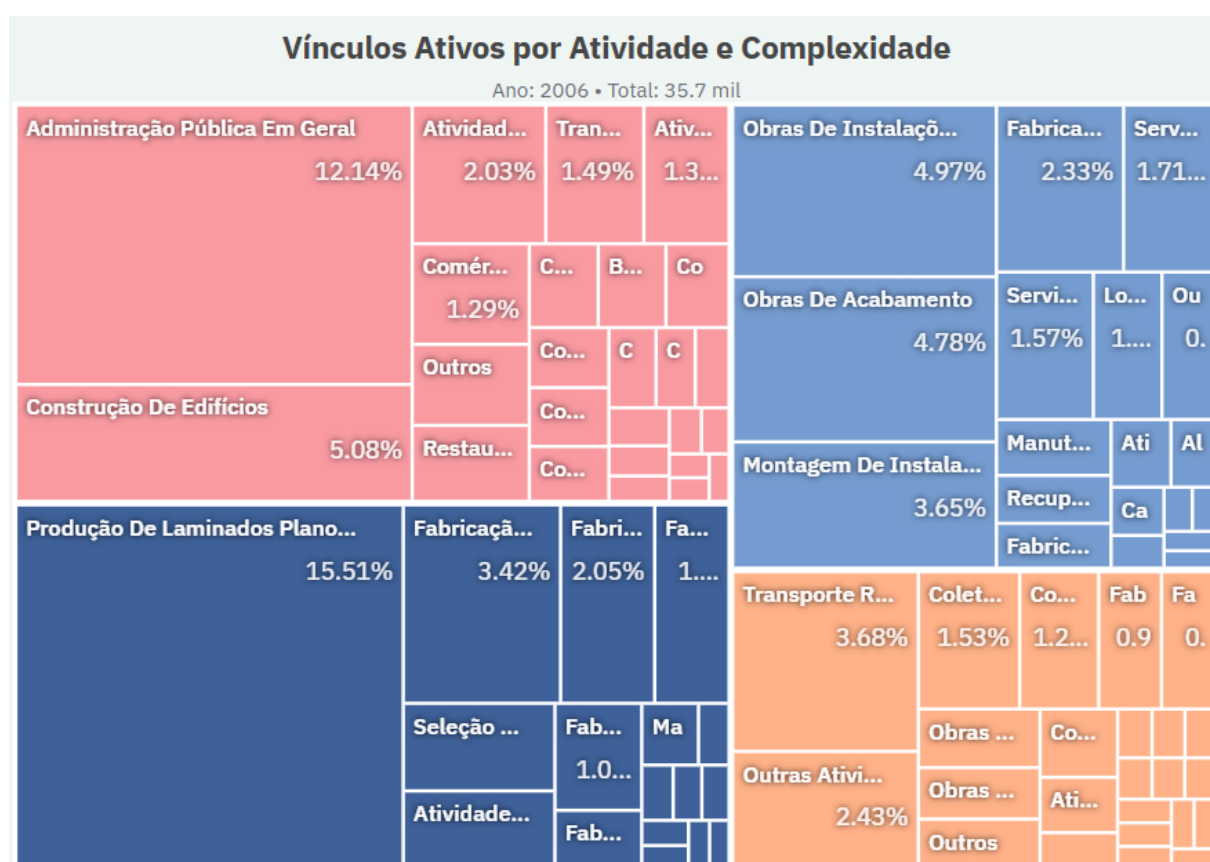
Fonte: CIDE, (2016)

O Gráfico 5 dá continuidade à análise apresentada anteriormente, mostrando o comportamento do emprego industrial entre 2016 e 2019. A queda verificada no período anterior não apenas se mantém, como se aprofunda, indicando a persistência do declínio industrial no município. Fatores como baixa competitividade, custos operacionais elevados, dificuldades logísticas e decisões corporativas de desativação de plantas contribuíram para

esse cenário. O resultado reforça a tendência de esvaziamento produtivo e confirma a incapacidade do município de recuperar o nível de emprego industrial após 2016.

Outrossim, Cubatão evidencia a transferência de mão de obra industrial para o setor de serviços como na imagem x , onde no ano de 2006 a participação da indústria era de um tamanho relevante e que no de 2023 a imagem x evidencia a queda da participação da indústria na economia cubatense

**Figura 3- Treemap da distribuição de empregos por setores da CNAE em 2006**



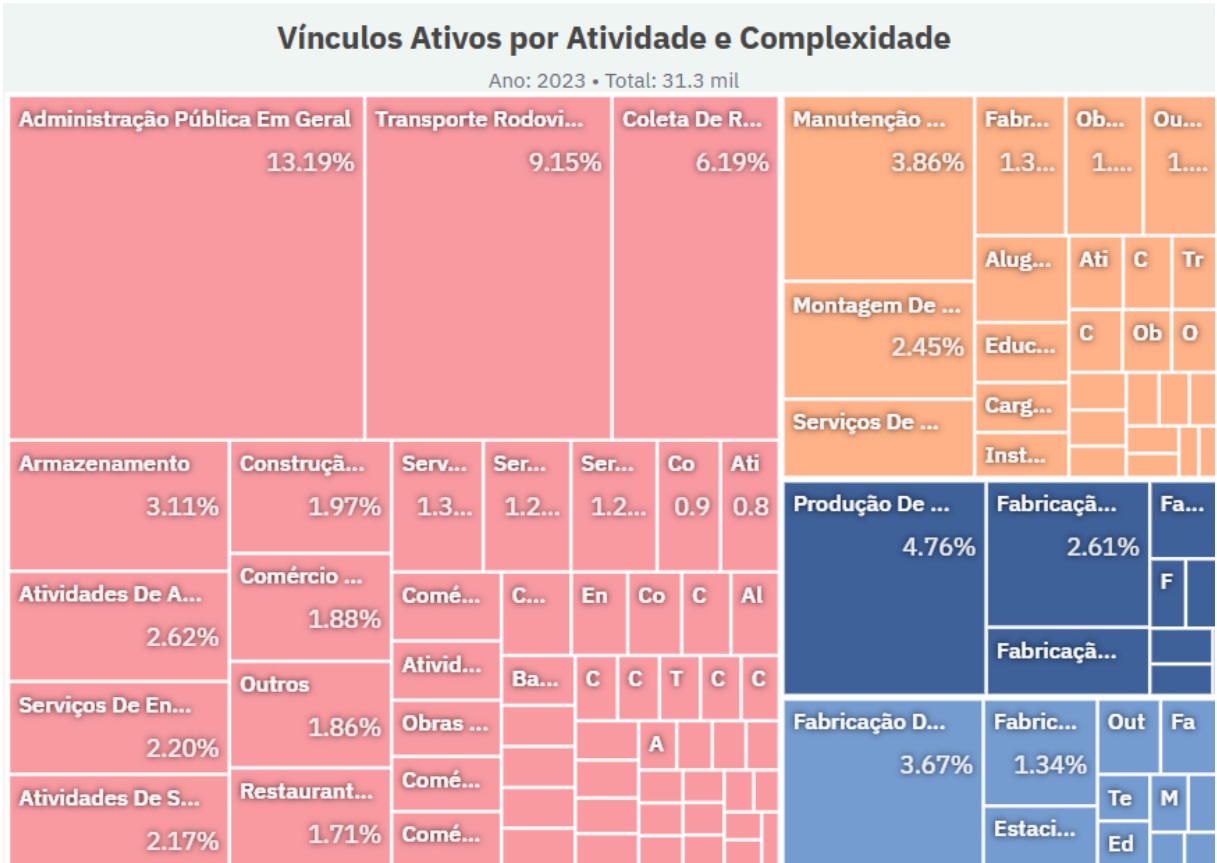
Fonte: DATAVIVA (2025)

Em síntese, os dados mostram a desagregação da participação de diferentes setores da CNAE sobre o emprego do estado. Diante disso, será feita uma análise de estática comparativa, comparando a distribuição setorial dos empregos entre 2006 e 2023. Nos meandros da distribuição relativa dos empregos, percebe-se que houve uma redução na participação relativa de setores como: produção de laminados que era de 15,51%, passando para 4,76% e a fabricação e refino de petróleo era de 3,46%, passando para 2,05%. Em

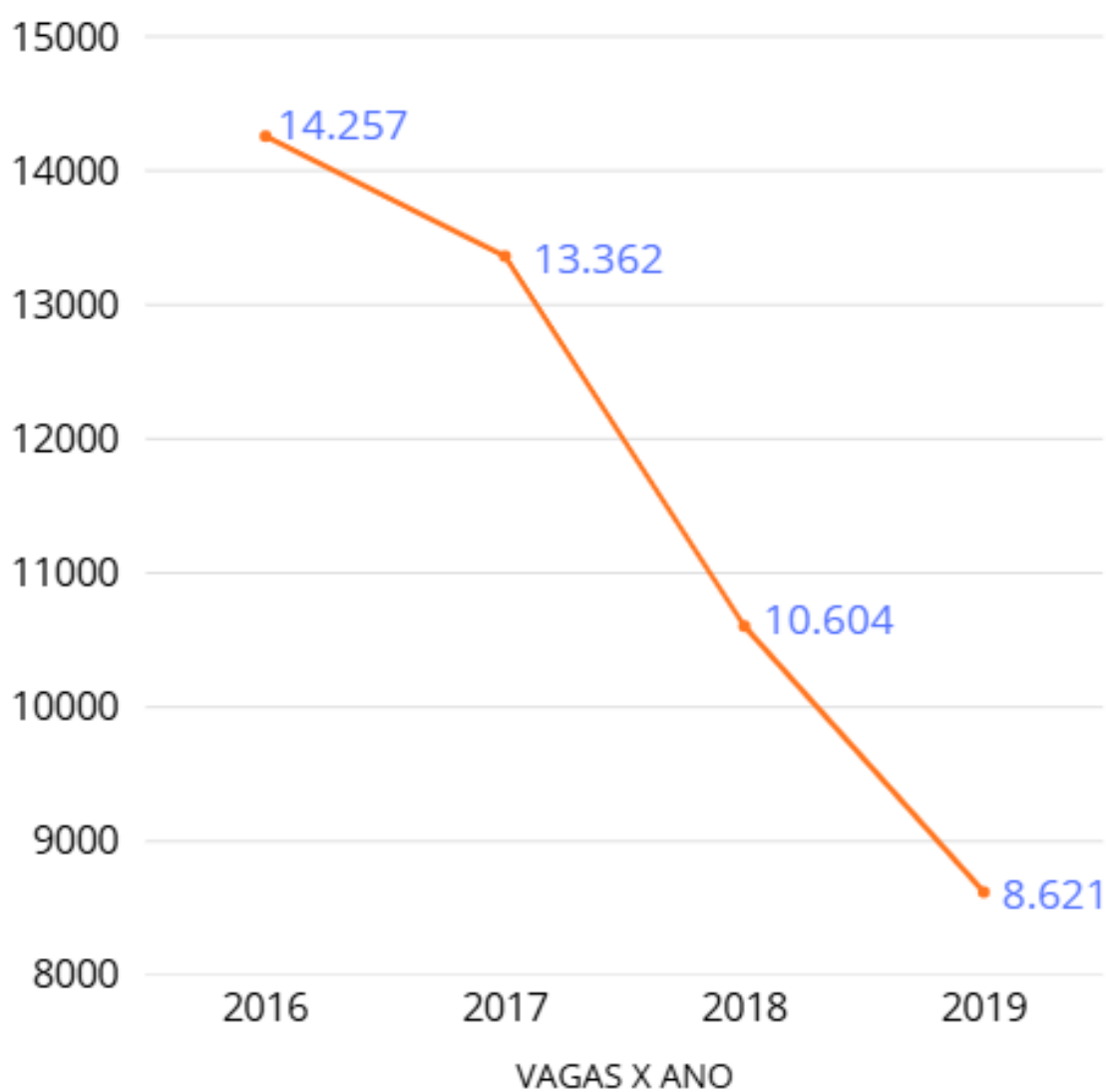
contrapartida, o transporte rodoviário sai de 1,49% para 9,15%, salientando uma inversão nos papéis estratégicos da cidade.

Em um recorte de 17 anos, Cubatão viu sua estrutura produtiva mudar e deixar um vácuo produtivo deixado pela indústria, o qual foi preenchido pelo setor de serviços. Esta transmutação da economia local pode ser prejudicial, visto que o salário médio da indústria é maior e consegue transbordar mais renda para os seus vizinhos.

Figura 4- Treemap da distribuição de empregos por setores da CNAE em 2023



Fonte: DATAVIVA (2025)

**Gráfico 5 - Empregos nas Indústrias do Cubatão 2016-2019**

Fonte: CIDE, (2019)

Segundo o Relatório Anual de 2016, Cubatão possuía cerca de 30 mil funcionários empregados no polo petroquímico em 2007. Em 2019, esse número caiu para aproximadamente 19 mil trabalhadores. Em apenas 12 anos, o município sofreu uma perda

significativa de postos de trabalho. A macroeconomia keynesiana nos auxilia a compreender esse processo, pois, sem renda, não há consumo; sem consumo, não há investimento, o que coloca Cubatão em uma situação de fragilidade econômica. A arrecadação municipal acompanha essa tendência, apresentando queda proporcional aos recuos produtivos.

A Tabela 6 apresenta os valores de impostos recolhidos no município de Cubatão entre 2013 e 2016. Os dados evidenciam uma trajetória de redução na arrecadação tributária ao longo do período, acompanhando o declínio da atividade industrial no município. A diminuição da produção, o fechamento de unidades fabris e a queda no nível de emprego contribuíram diretamente para a menor geração de receitas públicas. Essa redução da base tributária demonstra o impacto imediato da desindustrialização sobre as finanças municipais e reforça a dependência histórica de Cubatão em relação ao setor industrial.

**Tabela 6 - Impostos recolhidos 2013-2016**

| <b>Tipo de Impostos</b> | <b>2013</b> | <b>2014</b> | <b>2015</b> | <b>2016</b> |
|-------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Estaduais               | 388         | 436         | 242         | 234         |
| Federais                | 101         | 73          | 39          | 39          |
| Municipais              | 45          | 19          | 22          | 27          |

Fonte: CIDE, (2016)

A Tabela 7 apresenta os valores de impostos recolhidos entre 2016 e 2019, dando continuidade à análise iniciada na tabela anterior. Observa-se que a arrecadação permanece em queda ou estagnada, refletindo o agravamento da retração econômica local. A saída de empresas, a redução do volume produtivo e o deslocamento de atividades industriais para outras regiões limitaram significativamente a capacidade de geração de receita do município. Esse comportamento reforça a persistência do processo de desindustrialização e evidencia seus efeitos duradouros sobre o orçamento público e a capacidade de investimento municipal.

**Tabela 7 - Impostos recolhidos 2016-2019**

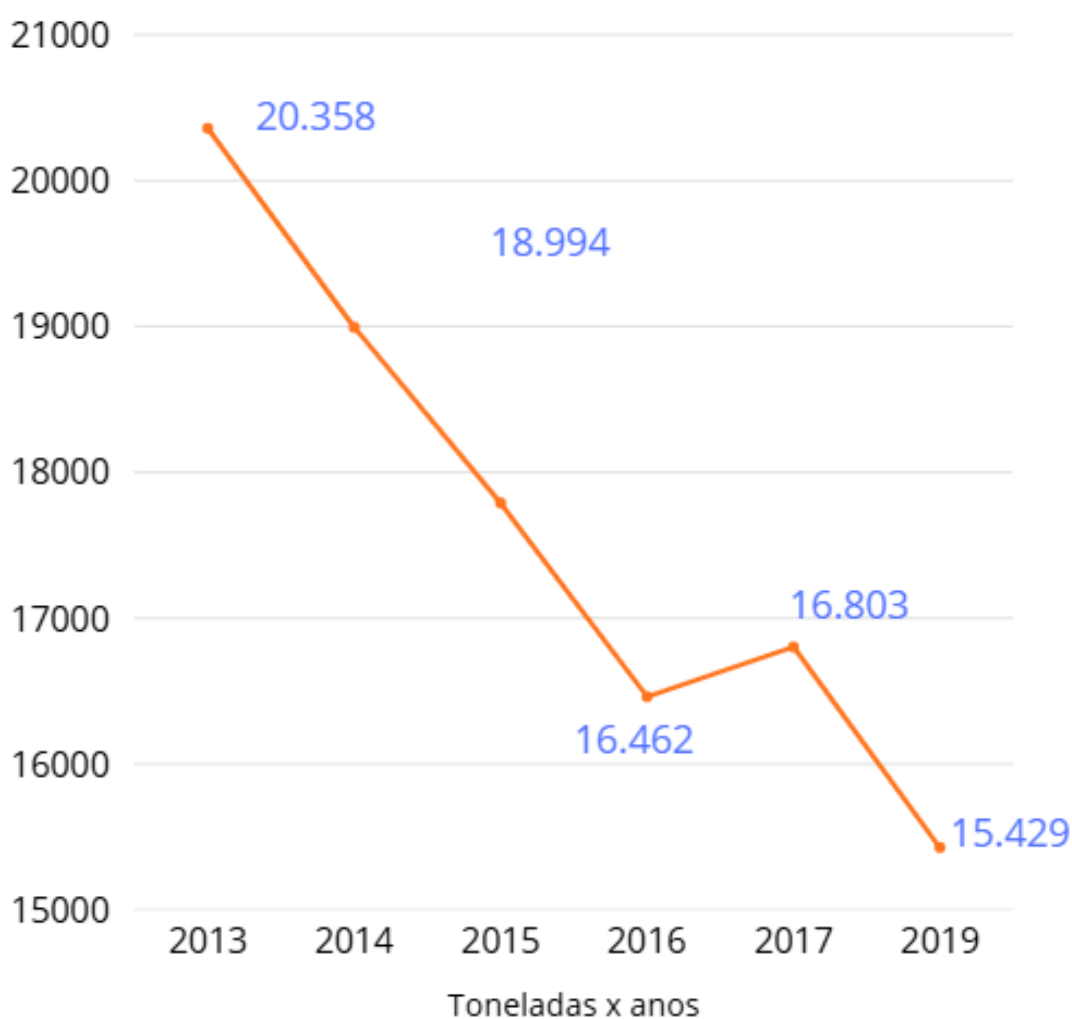
| <b>Tipo de Impostos</b> | <b>2016</b> | <b>2017</b> | <b>2018</b> | <b>2019</b> |
|-------------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Estaduais               | 234         | 290         | 147         | 132         |
| Federais                | 39          | 50          | 80          | 106         |
| Municipais              | 27          | 31          | 38          | 28          |

Fonte: CIDE, (2019)

Os relatórios consultados mostram ainda a diminuição da participação da indústria na arrecadação de impostos em um intervalo de seis anos. A queda acentuada na contribuição industrial evidencia a perda de capacidade de investimento, tanto para a cidade quanto para o estado de São Paulo e, em escala maior, para o Brasil. Assim, observa-se uma redução expressiva na presença da indústria na estrutura tributária, reforçando a tendência de desindustrialização local.

Além dos fatores já mencionados, observa-se também o declínio contínuo da produtividade industrial, o que reforça a perda da capacidade produtiva do município. Os dados apresentados no Gráfico 6 evidenciam esse movimento: Cubatão perdeu aproximadamente 5 mil toneladas de produção em apenas seis anos, resultado que ajuda a explicar a redução no número de empregos, na arrecadação de impostos e no dinamismo econômico do município.

**Gráfico 6 - Total produzido pelas empresas: comparativo de 4 anos**



Fonte: CIDE, (2019)

Embora Cubatão tenha sido, e ainda seja, um dos principais polos petroquímicos do Brasil, os indicadores recentes acendem alertas importantes sobre seu futuro. A queda expressiva nos volumes produtivos demonstra um processo de enfraquecimento que compromete a continuidade do parque industrial e, conseqüentemente, sua relevância econômica para o estado de São Paulo e para o país.

Dessa forma, os resultados apresentados evidenciam um movimento contínuo de retração produtiva no município, marcado tanto pela queda nos volumes industriais quanto pela substituição progressiva de atividades econômicas tradicionais. Esse conjunto de transformações confirma a tendência de esvaziamento estrutural discutida e reforça a necessidade de compreender seus desdobramentos mais amplos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender o processo de industrialização e desindustrialização no Brasil, tomando Cubatão como estudo de caso para observar como transformações estruturais nacionais se manifestam no território. Ao longo da pesquisa, foi possível apresentar a trajetória histórica da industrialização brasileira e paulista, evidenciando os ciclos de expansão que consolidaram São Paulo como o principal centro industrial do país e situando Cubatão nesse contexto de desenvolvimento regional.

A análise também permitiu resgatar os fatores que favoreceram a formação do polo industrial cubatense, especialmente sua localização estratégica próxima ao Porto de Santos, a disponibilidade de infraestrutura logística e os investimentos públicos e privados direcionados ao setor petroquímico. A partir desse resgate histórico, o estudo avançou para compreender as mudanças econômicas que, desde a década de 1980, vêm enfraquecendo a base industrial brasileira. A abertura comercial, a valorização cambial recorrente, os altos custos de capital, a financeirização e a crescente dependência de insumos e tecnologias estrangeiras formaram um conjunto de fatores que contribuíram para a perda de competitividade do setor.

Ao aplicar essa discussão ao caso de Cubatão, constatou-se que o município reflete de maneira intensa os efeitos desse processo. A redução do emprego industrial, o fechamento de unidades produtivas, a substituição de atividades industriais por operações portuárias e logísticas e a consequente descaracterização econômica do território revelam um quadro persistente de desindustrialização. Essa realidade demonstra como transformações macroeconômicas impactam diretamente o nível local, alterando a dinâmica socioeconômica de cidades historicamente dependentes da atividade industrial.

Os resultados obtidos permitem afirmar que os objetivos propostos foram plenamente atendidos, na medida em que o estudo articulou a análise histórica, econômica e territorial do fenômeno, elucidando tanto os fatores estruturais da desindustrialização quanto seus efeitos concretos no cotidiano e na configuração produtiva de Cubatão.

É importante destacar, contudo, algumas limitações. A disponibilidade de dados recentes, especialmente em nível municipal, ainda é restrita, o que dificulta análises quantitativas mais aprofundadas. Da mesma forma, a ausência de entrevistas ou levantamentos de campo limita a compreensão qualitativa sobre os impactos sociais percebidos pela população local e pelos trabalhadores diretamente afetados.

Apesar dessas limitações, o trabalho contribui para o debate sobre os desafios da indústria brasileira e evidencia a necessidade de políticas públicas voltadas à diversificação produtiva, inovação tecnológica e fortalecimento de cadeias de valor regionais. A trajetória de Cubatão demonstra que modelos de desenvolvimento excessivamente dependentes de um único setor se tornam vulneráveis às oscilações econômicas, reforçando a importância de estratégias de desenvolvimento regional mais integradas e sustentáveis.

## REFERÊNCIAS

- ABDAL, Alexandre; MADIO, Felipe. O processo de esvaziamento industrial da metrópole paulista: restrições, tendências e perspectivas. *Cadernos Metrópole*, v. 27, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cm/a/gK397gRpDpk6jPCL5yFVQBH/>.
- BANDEIRA JR., A. *Relatório sobre a indústria paulista*. São Paulo, 1901.
- BATISTA, Alexandre Ricardo de Aragão; GRANDI, Guilherme. As causas da desindustrialização: uma discussão conceitual. *Working Paper Series*, n. 2023-05. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/370981046>.
- BRAGA, Ailton. Evolução histórica das taxas de juros reais e de seus determinantes no Brasil. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/evolucao-historica-das-taxas-de-juros-reais-e-de-seus-determinantes-no-brasil>.
- CANO, Wilson. *Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil (1930–1970)*. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2006.
- CANO, Wilson. *Raízes da concentração industrial em São Paulo*. São Paulo: Difel, 2007.
- CIDE – Centro de Informações e Dados Econômicos. Relatório anual 2016. São Paulo, 2017. Disponível em: [https://polocide.com.br/wp-content/themes/cide/arquivos/relatorio\\_2016.pdf](https://polocide.com.br/wp-content/themes/cide/arquivos/relatorio_2016.pdf).
- CIDE – Centro de Informações e Dados Econômicos. Relatório anual 2019. São Paulo, 2020. Disponível em: <https://polocide.com.br/wp-content/uploads/2020/12/Relatorio-Anual-2019.pdf>.
- COUTO, Joaquim Miguel. *Industrialização, meio ambiente e pobreza: o caso do município de Cubatão*. Maringá: Editora UEM, 2012.
- DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo (1880–1945)*. São Paulo: Difel, 1971.
- EVANS, Peter B. *A tríplice aliança: as multinacionais, as estatais e o capital nacional no desenvolvimento dependente brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- FERREIRA, Cesar; TORRES, Francisco; BORGES, Welington. *Cubatão: caminhos da história*. Cubatão: Edição do Autor, 2007.
- FOLHA DE S. PAULO. FI170812: Dinheiro. 17 ago. 2012. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi170812.htm>.
- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 23. ed. São Paulo: Nacional, 1989.
- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. 27. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.
- GALA, Paulo. Breve história do polo petroquímico de Cubatão. 25 jul. 2023. Disponível em: <https://www.paulogala.com.br/breve-historia-do-polo-petroquimico-de-cubatao/>.

- GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções: 1789–1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cubatão (SP) – Panorama e séries históricas. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/cubatao/pesquisa/38/46996>.
- KRÜGER, Henrique. *Reconstrução do desenvolvimento industrial: trajetória e desafios*. Brasília, 2008.
- KUZNETS, Simon. *Modern economic growth: rate, structure and spread*. New Haven: Yale University Press, 1973.
- LANDES, David S. *Prometeu desacomodado: transformação tecnológica e desenvolvimento industrial na Europa Ocidental desde 1750*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- MAIA, Alexandre. *Desindustrialização precoce: fundamentos teóricos e evidências empíricas*. São Paulo: FGV, 2020.
- MAMIGONIAN, Armen. O processo de industrialização em São Paulo. *Boletim Paulista de Geografia*, n. 50, p. 83–102, 2017.
- MARQUES, José Antônio. Industrialização no estado de São Paulo: processo de reestruturação urbano-industrial. *Cadernos Metrópole*, v. 6, n. 11, 2004.
- MARTINS, Sérgio; SANTOS, André. Desindustrialização no estado de São Paulo entre 1989 e 2010. *Revista de Desenvolvimento Econômico*, v. 18, n. 34, p. 150–172, 2016.
- NOGUEIRA, Marco Aurélio. *As possibilidades da política: ideias para a reforma democrática do Estado*. São Paulo: Senac, 1998.
- OLIVEIRA, Francisco de. *Os direitos do antivalor*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- PLANALTO – Presidência da República do Brasil. Lei nº 8.031/1990. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18031.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18031.htm).
- ROWTORN, Robert; RAMASWAMY, Ramana. Growth, trade, and deindustrialization. *IMF Staff Papers*, v. 46, n. 1, p. 1–27, 1999.
- SAMPAIO, Daniel Pereira. *Desindustrialização no estado de São Paulo entre 1989 e 2010*. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Economia, Unicamp, Campinas, 2015.
- SALLUM JR., Brasílio. *Labirintos: dos generais à Nova República*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SALLUM JR., Brasílio. O Brasil sob Cardoso: neoliberalismo e desenvolvimentismo. *Tempo Social*, v. 11, n. 2, p. 23–47, 1999.
- SILVA, Rodrigo. *Mudanças estruturais e desindustrialização no Brasil*. Recife: UFPE, 2021.
- SOARES JR., R. *Crise e reconstrução da economia paulista*. São Paulo: USP, 1958.

SUZIGAN, Wilson. *Indústria brasileira: origem e desenvolvimento*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SUZIGAN, Wilson. Industrialização brasileira em perspectiva histórica. *História Econômica & História de Empresas*, v. 3, n. 2, 2012.

TAVARES, Maria da Conceição. *Acumulação de capital e industrialização no Brasil*. Campinas: IE/Unicamp, 1998.

TREGENNA, Fiona. *Deindustrialization, structural change and inclusive growth*. UNCTAD, 2016.

UFMG. *Página institucional da UFMG*. UFMG. Disponível em: <https://www.dataviva.info/pesquisa/localidades/351350> 4 Acesso em: 05 dez. 2025.

VILA NOVA, William Braga. *A industrialização do estado de São Paulo e seu processo de reestruturação urbano-industrial*. Dissertação (Mestrado) – UFSC, Florianópolis, 2016.